



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS III
COMUNICAÇÃO SOCIAL / JORNALISMO EM MULTIMEIOS

ANANDA SORAYA BRANDÃO FERREIRA

MEMORIAL DO PODCAST “QUEM PARIU MATEUS”

JUAZEIRO – BA
DEZEMBRO/2022

ANANDA SORAYA BRANDÃO FERREIRA

**Memorial do Podcast “Quem pariu mateus”: Desafios das mães que empreendem
no município de Juazeiro/BA**

Memorial descritivo apresentado ao Departamento de Ciências Humanas, campus III, da Universidade do Estado da Bahia, para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo em Mídias, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Dalila Carla dos Santos.

JUAZEIRO – BA
DEZEMBRO/2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
por Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

F383q

Ferreira, Ananda Soraya Brandão

Quem pariu Mateus: desafios das mães que empreendem no município de Juazeiro/BA / Ananda Soraya Brandão Ferreira. Juazeiro-BA, 2022.
52 fls.: il.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Dalila Carla dos Santos.

Inclui Referências

TCC (Graduação – Comunicação Social – Jornalismo em Mídias) –
Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.
Campus III. 2022.

1. Maternidade – Aspectos sociais. 2. Empreendedorismo – Mulher. 3. Gênero.
I. Santos, Dalila Carla dos. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento
de Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 306.8743

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III
COLEGIADO DE JORNALISMO EM MULTIMEIOS

ATA DE APRECIÇÃO DE PARECER DE TCC

Aos 14 dias do mês de dezembro do ano de 2022, reuniram-se de forma remota pela plataforma Microsoft Teams do Departamento de Ciências Humanas, campus III, da Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro/BA, a Banca Examinadora composta pela orientadora **Dalila Carla dos Santos**, avaliadora **Gisa Oliveira Ramos Sampaio** e avaliadora **Teresinha de J Leonel O. Costa (Teresa Leonel)** para julgar o trabalho conclusão de curso intitulado **“QUEM PARIU MATEUS? – MATERNIDADE E EMPREENDEDORISMO: DESAFIO DAS MÃES QUE EMPREENDEM NO MUNICÍPIO DE JUAZEIRO/BA”**, de autoria da discente **ANANDA SORAYA BRANDÃO FERREIRA**. Após a apresentação e arguições, a Banca deliberou, segundo os critérios estabelecidos no regulamento do TCC e que foram devidamente observados por cada membro da Banca, concluindo pela:

- A – aprovação integral ();
- B – aprovação com mínimas correções (**X**);
- C – aprovação condicionada a reparos ();
- D - não aprovação (),

Com a nota final **9,4**. Para constar foi lavrada a presente ata, que vai datada e assinada pelos examinadores.

Orientadora



Avaliadora



Avaliadora



Juazeiro, 14 de dezembro de 2022.

AGRADECIMENTOS

Ao meu amado e bondoso Deus que me deu forças e saúde para concluir essa etapa tão sonhada da minha vida mesmo diante de tantas dificuldades que surgiram no meu caminho. Ao projeto de permanência estudantil “Mais futuro” que proveu a minha fonte de renda até o sétimo período do curso, sem esse incentivo não teria sido possível estudar. À minha amada mãe que sempre acreditou em mim e desde pequena nutriu em meu coração o gosto pela leitura e semeou a vontade de estudar como elemento transformador das nossas vidas. Obrigada por ter renunciado tantos sonhos seus em prol do meu bem-estar. Ao meu querido pai que sempre me protegeu e proveu o melhor que podia me dar dentro das suas condições nem sempre favoráveis. Ao meu amado esposo e melhor amigo por ter me ajudado nas tantas vezes em que me desesperei e pensei em desistir, ter o seu apoio foi fundamental na minha caminhada. Aos meus irmãos e familiares que cercam a minha vida de afeto e amor e reforçam o significado de lar, lugar onde sempre pude ser amparada e acolhida. À minha grande amiga Jessica Amanda que mesmo distante fisicamente sempre foi como uma irmã pra mim com os melhores conselhos diante das crises existenciais. Às minhas amigas de curso Diana Silva, Layla Shasta e Beatriz Oliveira que tornaram a minha trajetória mais leve e divertida. À cada mulher que aceitou expor as suas histórias e experiências para que outras mulheres também possam ser ouvidas e validadas. Por último e não menos importante, à minha orientadora e professora querida Dalila Santos que desde o primeiro período foi uma das responsáveis por todo conhecimento que carrego comigo. Grata por ter aceitado embarcar nessa empreitada e ter tornado esse processo de TCC mais leve, tenho muita admiração por ti.

Gratidão!

Resumo

O presente trabalho busca apresentar quais são os desafios que as mães empreendedoras do município de Juazeiro/BA precisam enfrentar para conciliar o cuidado com os filhos e o trabalho dentro e fora de casa. A presença feminina cada vez mais massiva no empreendedorismo local aponta os problemas estruturais na legislação trabalhista e na idealização da figura materna fortemente defendida pelo senso comum. A referida pesquisa possui abordagem qualitativa e teve início a partir de investigação, sondagem de informações e observação participante. Em seguida, foi aplicado questionário para desenvolvimento de perfil das entrevistadas que voluntariamente se interessaram em participar do projeto que resultou na série de reportagens no formato *podcast* intitulada “Quem pariu Mateus”. Tal obra revela através dos depoimentos das participantes, a presença do pensamento patriarcal nas estruturas sociais, fator determinante para que as mulheres larguem os seus empregos e decidam empreender.

Palavras-chave: Maternidade; Empreendedorismo; Mulheres; Juazeiro; Podcast.

SUMÁRIO

| | | |
|------|--|----|
| 1. | APRESENTAÇÃO | 6 |
| 1.1. | Contexto e problematização | 6 |
| 1.2. | Aproximação com o tema | 10 |
| 2. | BREVE HISTÓRIA DAS MULHERES MÃES POBRES NO BRASIL | 12 |
| 3. | LEGISLAÇÃO E A MULHER TRABALHADORA NO BRASIL | 16 |
| 4. | MATERNIDADE E EMPREENDEDORISMO | 22 |
| 5. | APROXIMAÇÃO COM O PRODUTO <i>PODCAST</i> | 26 |
| 6. | PRODUÇÃO DE PODCAST NO BRASIL | 27 |
| 7. | METODOLOGIA DE TRABALHO: FASES DA PRODUÇÃO | 29 |
| 7.1. | Pré-produção | 29 |
| 7.2. | Perfis das personagens | 32 |
| 7.3. | Produção: roteiro de gravação e entrevistas | 33 |
| 8. | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 37 |
| | REFERÊNCIAS | 39 |
| | APÊNDICE A- TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E SOM | 41 |
| | APÊNDICE B- ROTEIRO DE GRAVAÇÃO | 42 |
| | APÊNDICE C- ROTEIRO DE EDIÇÃO | 43 |
| | APÊNDICE D- CARD GRÁFICO DO PODCAST | 49 |

1. APRESENTAÇÃO

1.1. Contexto e problematização

A idealização do “instinto” materno apresentado pelo senso comum no decorrer do tempo passou a ser questionado pelas próprias mulheres ao longo do século XX. A vinculação da imagem da mulher com dupla tendência de caráter biológico e afetivo foi construída a partir de diversos discursos, o mais antigo deles é o religioso. A construção histórico-social em torno da maternidade está ligada à figura de Maria, a mãe de Jesus Cristo, que a partir da sua representação religiosa influenciou a cultura ocidental no ideal de maternidade (VÁZQUEZ, 2014).

A primeira onda do feminismo se deu no século XIX e avançou até o início do século XX e marca a consolidação dos discursos feministas de caráter intelectual, filosófico e político. Neste período as mulheres lutavam por igualdade de direitos, como o de votar, por exemplo. E a capacidade de conquistas e propriedades. Lutavam contra os casamentos arranjados. Na segunda onda do movimento feminista¹, que tem Simone de Beauvoir (1949) com a publicação do seu célebre livro *O segundo sexo*, a autora contesta o determinismo biológico ou destino divino que ligava as mulheres à condição natural de mãe.

É pela maternidade que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico; é a maternidade sua vocação "natural", porquanto todo o seu organismo se acha voltado para a perpetuação da espécie. Mas já disse que a sociedade humana nunca é abandonada à natureza. E, particularmente, há um século mais ou menos, a função reprodutora não é mais comandada pelo simples acaso biológico: é controlada pela vontade (BEAUVOIR, 1949, p.644).

Um dos elementos simbólicos e culturais que giram em torno desse pensamento idealizado sobre a relação da mulher e da maternidade, é a crença de que mulheres ao se tornarem mães perdem o interesse pelo trabalho ou tornam-se “menos” qualificadas para o âmbito laboral. No livro *História das mulheres no Brasil* (2013), as autoras Matos e Boreli (2013) explicam que o termo “trabalho feminino” é marcado pela polissemia que confunde com as funções domésticas, os cuidados com a família e a casa”. Ainda na mesma obra, é dito que o trabalho chegou a ser considerado um elemento impeditivo das "funções naturais" das mulheres, esposas e mães.

1

Ainda em Matos e Boreli (2013), as autoras chamam a atenção para o fato que, basta olhar com atenção a história para ver que as mulheres sempre trabalharam, mesmo que, em várias situações, seu labor não fosse tão evidente ao confundir-se com os ofícios coletivos e familiares. O fato é que mulheres sempre trabalharam para ajudar no sustento da família. As autoras supracitadas explicam que esse percurso foi complexo e tenso, e de modo algum linear e totalmente progressista.

Contudo, indiscutivelmente, uma das maiores transformações dos últimos cem anos foi à presença marcante e evidente das mulheres no mundo do trabalho. Condicionamentos e necessidades variadas levaram as mulheres a assumir diversas "funções produtiva" abraçando habilmente as possibilidades existentes, ocupando brechas no mundo do trabalho ou tomando para si postos e colocações antes vetados ou inacessíveis (PINSKY, 2013, p.127).

Os valores sociais associados ao cuidado e ao afeto são estruturantes para as desigualdades de gênero dentro da perspectiva da maternidade. Este evento influencia diretamente na dimensão de trabalho doméstico/privado, jornadas de trabalho e áreas afins. O cuidado direto dos filhos e toda mudança na dinâmica familiar está diretamente vinculada à figura feminina (BRAGA, 2021). Na história do Brasil, a interferência do Estado na órbita do trabalho feminino foi marcada por ambiguidades. As ações governamentais priorizaram a proteção e defesa da instituição familiar, reforçando a importância da maternidade e os cuidados femininos do lar. “Considerando o trabalho das mulheres fora de casa como uma atividade provisória e/ou complementar ao trabalho exercido pelo chefe de família, tais ações, em geral, privilegiaram os homens em detrimento das mulheres no mercado de trabalho (MATOS E BORELI, 2013, p.142)”.

Matos e Boreli (2013) explicam que a partir da década de 1960, novas leis foram criadas no sentido de coibir as diferenças por motivo de sexo em relação a salários, critérios de admissão, exercício das funções e promoção na carreira. A licença maternidade foi ampliada para 120 dias, sem prejuízo de salário, e deu garantias de estabilidade à gestante², sendo os benefícios estendidos também às mães adotivas³. A advogada Amanda de Melo, no seu artigo *A história da mulher no direito do trabalho* (2018) afirma que a Reforma Trabalhista entrou em dissonância com as últimas conquistas da mulher no mercado de trabalho, ao possibilitar que a gestante ou lactante

² As garantias previstas à gestante foram conquistadas em 1988 conforme o texto da Constituição Federal.

³ As mães adotivas conquistaram os benefícios e amparos legais da maternidade em 2002.

exerça suas atividades em ambientes insalubres, renunciando à sua saúde ou seu filho, em busca da garantia de manutenção no mercado de trabalho.

Diante desse cenário de desigualdade e desvalorização da mulher trabalhadora, que ao se tornar mãe tem os seus direitos de exercer a maternidade limitados e os cuidados com filho ainda bebê ameaçados, muitas mulheres enxergam no empreendedorismo a saída para esse dilema. Segundo pesquisa realizada em 2019 pelo Instituto Rede Mulher Empreendedora (IRME), as mulheres com filhos/as enxergam no empreendedorismo uma saída para conciliar tempo com a família e trabalho, mesmo que a remuneração diminua e o reconhecimento profissional também.

Segundo o mesmo estudo realizado pelo IRME (2021), as mulheres enxergam no empreendedorismo a possibilidade de ter um horário mais flexível e passar mais tempo se dedicando aos cuidados dos filhos e afazeres domésticos. Já para os homens a motivação para empreender parte da necessidade de renda extra. A pesquisa ainda revela que as mulheres investem 24% de tempo a mais na dedicação com a família.

Neste contexto sobre o empreendedorismo feminino, no município de Juazeiro/BA - localizado há mais de 500km da capital Salvador - no ano de 2009, segundo banco de dados do Sebrae, não havia nenhum microempreendedor regularizado. Segundo dados referentes ao ano de 2019, há mais de nove mil Micro Empreendedores Individuais no município de Juazeiro/BA, desses pequenos empreendimentos um pouco mais de 45% são mulheres.

Diante do contexto exposto, a temática maternidade e empreendedorismo no município de Juazeiro/BA justifica-se como objeto de estudo por se enquadrar dentro dos critérios de noticiabilidade jornalística e se manifestar na sociedade como interesse público a fim de discutir a desigualdade de gênero que permeia a esfera social. O objetivo é analisar os motivos que levam um número significativo de mulheres a sair do trabalho regularizado e optar por empreender, mesmo que na segunda opção o retorno financeiro e reconhecimento profissional diminuam.

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar quais são as circunstâncias e motivos que levam as mulheres trabalhadoras a deixarem seus trabalhos de carteira assinada e empreender no período pós-licença maternidade. Nos objetivos específicos buscamos analisar os desafios das mães empreendedoras que precisam conciliar as múltiplas jornadas de trabalho (dona de casa, esposa, mãe empreendedora) sem amparo ou assistência do governo, apresentar o perfil dessas mulheres que

empreendem no município de Juazeiro/BA e o problema estrutural da legislação trabalhista brasileira.

O tema maternidade e empreendedorismo tem chamado atenção de vários setores da sociedade nos últimos anos, resultando em pesquisas científicas de diferentes áreas do conhecimento, programas de televisão, postagens, palestras e eventos que exploram suas dimensões socioculturais, simbólicas, econômicas e políticas. Por exemplo, o programa “Boas Vindas” do Canal GNT que traz histórias e experiências de famílias famosas e anônimas sobre a temática maternidade e paternidade.

Sobre o objeto de estudo que se trata essa pesquisa há poucos trabalhos que são embasados diretamente nos relatos de mães empreendedoras. Geralmente os estudos focam em dados e estatísticas dos setores ligados ao empreendedorismo. *Quem pariu Mateus*⁴ é uma série de reportagens, no formato *podcast*, produzida e composta unicamente por mulheres, que também são mães e vivenciam cotidianamente sobre o assunto tratado.

A escolha do *podcast* como produto desta pesquisa se deu por conta da facilidade de alcance com um público que este formato possibilita. Outras mulheres podem ouvir enquanto desempenham seus afazeres. Além disso, a afinidade que tenho com este tipo de produção foi um critério considerado na escolha.

A produção jornalística conduziu todos os processos desde a pré-produção. Consegui colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo da minha formação, desde a definição da pauta, a produção de roteiros de perguntas e edição, e principalmente no processo de campo que foi a investigação e observação.

A metodologia utilizada para executar a investigação se deu através de pesquisa de campo com uma rede de contatos de lideranças do empreendedorismo feminino em Juazeiro/BA. Posteriormente aplicação de questionário, que sintetizou os perfis e história de cada participante. Com essas informações produzi o roteiro de perguntas e estruturei a ordem de episódios. A técnica utilizada nas entrevistas foi semiestruturada para montagem das sonoras da série de reportagens *Quem pariu Mateus*.

A proposta do nome do *podcast* parte do senso comum e dito popular brasileiro que diz "Quem pariu Mateus que o balance", reforçando a ideia de que é função somente das mulheres a obrigação de cuidar dos filhos. A sobrecarga em torno da idealização da figura materna é o cerne do objeto de pesquisa do presente trabalho que

⁴ Podcast disponível nas plataformas Anchor e Spotify: <https://anchor.fm/ananda-brandu00e3o>
<https://open.spotify.com/show/1J6ScWXqzBRrR2R3ggQD9b>

visa apresentar histórias de mulheres que se viram obrigadas pelas circunstâncias a largarem seus empregos para cuidar da prole e ainda assim conciliar com o sustento da casa, afinal o tempo passa e continua sendo dela o dever de "balançar" quem pariu.

1.2. Aproximação com o tema

Antes de viver a maternidade e lidar com os desafios que surgem a partir desta fase, eu tinha interesse em desenvolver a minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso em alguma temática que envolvesse mulheres. A escolha do objeto de estudo desta pesquisa parte de uma percepção particular sobre as mulheres à minha volta. Tornei-me mãe enquanto cursava a graduação e vivenciei quase metade da gestação e anos iniciais da maternidade no cenário de isolamento da pandemia de Covid-19. Durante essa fase tão sensível e delicada, senti as diferenças de gênero impostas pela sociedade às mulheres e principalmente àquelas que se tornam mães.

Inúmeras vezes fui questionada se continuaria na faculdade, e a cada questionamento ficava claro quais eram as idealizações em torno da jovem mulher mãe e os preconceitos velados de que após a chegada do meu filho não seria mais tão possível e capaz de concluir o ensino superior.

Não obstante tais inconveniências, lidei com cada uma das idealizações impostas em torno da maternidade, que por muitas vezes me fez sentir que algo errado acontecia comigo. No isolamento da pandemia, vivendo um turbilhão de transformações, usei as minhas redes sociais para compartilhar momentos, experiências e inquietações que surpreendentemente me aproximou de outras mulheres vivendo as mesmas coisas.

A partir dessa troca pude notar que as percepções que tínhamos não eram “loucuras” da minha cabeça. E a partir daí as investigações foram se aprofundando e a maternidade passou a ser um tema constante de investigação. Mas por que o empreendedorismo feminino? Porque assim como eu, minhas colegas também procuraram vender alguma coisa que conciliasse com os estudos e o cuidado com a família.

As creches públicas no município de Juazeiro/BA só matriculam crianças a partir de dois (02) anos, o número de vagas é bem limitado e o processo de seleção é bastante dificultoso. Então as aulas voltaram de maneira remota e eu tive que adaptar minha vida com um bebê, estágio (renda que consegui na época), casa, marido, faculdade. Percebi que por mais que no final do dia eu estivesse exausta, o meu trabalho não era considerado pelo meu círculo social.

A ideia de vender algo ou prestar algum tipo de serviço é tão presente no cenário da maternidade que se enraizou na nossa cultura, de modo que não percebemos este fenômeno das mães migrarem para o empreendedorismo como uma tábua de salvação capaz de conciliar suas exaustivas demandas de trabalho. Questiono quem nunca teve uma mãe, tia, avó, prima ou amiga que ao se tornar mãe passou a vender cosméticos, acessórios, comida ou prestar algum tipo de serviço?

Foi assim com a minha avó materna que mesmo com nove filhos pequenos e marido agressor se desdobrava em mil para vender cocada e cosméticos. Foi assim com a minha mãe que mesmo sendo profissional da saúde e dando plantão de 12 horas chegava em casa e logo saía para revender produtos naturais pra dar conta de complementar à renda da família.

Tornar-me mãe foi o processo mais complexo da minha existência e me atravessa diretamente. Com o intuito de aprofundar essa inquietação decidi dedicar à pesquisa do meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre algo tão presente na minha realidade de aluna, estagiária, mãe, esposa, filha e dona de casa, e assim trazer para o espaço acadêmico uma pauta tão presente na nossa esfera social.

Durante o processo de produção do meu Trabalho de Conclusão de Curso descobrir a minha segunda gestação e lidei diretamente com os desafios que discutiremos no decorrer deste memorial.

2. BREVE HISTÓRIA DAS MULHERES MÃES POBRES NO BRASIL

No Brasil, durante o processo de "modernização" do país, período datado na última década do século XIX, a chegada dos imigrantes e fim do regime monárquico, gerou um processo de transformação social entre a população. Tal transformação se deu devido à industrialização que provocou num curto espaço de tempo e ritmo acelerado mudanças econômicas e sociais. Sobre essa época, no livro *A nova história das mulheres no Brasil* (2013) as autoras Matos e Boreli (2013) explicam que tais mudanças geraram um novo perfil populacional, o aumento demográfico era uma realidade junto com a presença feminina no universo do trabalho nas cidades e no campo.

O emprego feminino fabril se caracterizou pela expressiva participação de imigrantes e preferencialmente de jovens. Neste setor, o ordenado feminino representava 65% do masculino, mesmo no setor da tecelagem, por exemplo, que mulheres e meninas representavam 70% do total da mão de obra empregada. A imprensa na época tratava as trabalhadoras como pessoas "frágeis e indefesas". Matos e Boreli (2013) dizem que estas mulheres eram colocadas como "passivas e carentes de consciência política", quando na verdade, elas participavam ativamente das lutas operárias, atuaram em mobilizações, paralisações e reivindicavam a redução da jornada e melhores condições de trabalho (MATOS E BORELI; 2013).

As autoras supracitadas explicam que muitas delas, ao reagir frente às reduções salariais, aos maus tratos e aos assédios constantes vindos de mestres e patrões, eram demitidas e taxadas de "indesejáveis", acusadas de roubo, sabotagem ou boicote. Com o aumento da população e processo de modernização, novas oportunidades comerciais de abastecimento foram surgindo na esfera social da época. Muitas mulheres ocuparam os comércios de rua e comercializavam verduras, legumes, frutas, flores, ovos, batatas, peixes, entre outros produtos.

Algumas vendiam de maneira eventual, como a oferta de um excedente disponível ou sobras da produção de quinta. Muitos casos, principalmente entre as imigrantes, a atividade comercial era regular, como verdureira nas feiras livres. Outras mulheres eram leiteiras, percorriam um roteiro determinado, visitando a freguesia com as vacas e cabras, oferecendo leite tirado na hora (MATOS E BORELI; 2013).

Ao se debruçar sobre a história das mulheres pobres no Brasil, Cláudia Fonseca (2015) diz no seu artigo *Ser mulher, mãe e pobre*, que há uma tendência dos

historiadores nas análises tradicionais, de espelhar o sistema vitoriano de classificação⁵ que divide as mulheres em santas ou demônios, pacatas donas de casa ou prostitutas. "Os pesquisadores simplesmente não enxergavam dinâmicas sociais que driblam esses dois polos. Da mesma forma, cientistas sociais se agarram durante décadas à crença na normalidade estática, natural, moral da família conjugal" (FONSECA; 2015, p.513).

Fonseca (2015) vai dizer que hoje vemos que essa crença, além de ter reforçado a estigmatização das famílias pobres, vistas inevitavelmente como desorganizadas por não corresponderem ao modelo "normal", também impediu gerações de pesquisadores de se atentarem para a diversidade de dinâmicas familiares no Brasil. No início do século XX a procura massiva por emprego gerou uma enorme mobilidade geográfica dos homens, que deixavam suas famílias abandonadas na miséria e partiam para outros lugares como Cuiabá, Rio Grande e até Uruguai. Entre a "cruz e a espada", não restava às mulheres "abandonadas" outra saída, senão trabalhar para sustentar a si e a sua prole.

"As mulheres abandonadas" não tinham outra opção senão a de trabalhar também fora de casa para trazer o sustento dos filhos. Mas em muitos casos, mesmo as que moravam com seus companheiros, procuravam alguma forma de renda para escapar à miséria que representava a decadência exclusiva do salário masculino. A necessidade do trabalho feminino era essencial para o sustento dos filhos. Nem todos os homens se preocupavam com o sustento da casa, muitos ao viajarem a procura de trabalho passavam anos sem fazer nenhum contato com as esposas. Neste cenário, a mulher pobre se via cercada por uma moralidade que destoava totalmente da sua realidade.

Mas a dona de casa, que tentava escapar à miséria por seu próprio trabalho, arriscava sofrer o pejo da "mulher pública". Em vez de ser admirada por ser "boa trabalhadora", como o homem em situação parecida, a mulher com trabalho assalariado tinha que defender sua reputação contra a poluição moral, uma vez que o assédio sexual era lendário (PRIORE, 2015, p.516).

Os estereótipos presentes na sociedade da época eram calcados nos valores burgueses da elite colonial. Muitas vezes se espalharam nos relatos de viajantes europeus, que servia como instrumento ideológico para marcar a distinção entre as burguesas e as pobres (FONSECA, 2015). Mesmo as mulheres que viviam em estado de abandono por parte dos maridos, não havia uma permissão legal que lhe reconhecesse o

⁵ O sistema vitoriano é baseado na moral vitoriana que é um extracto moral da época entre meados do século XIX e ao longo do século XX, que em geral defendia um conjunto de valores com restrição sexual, pouca tolerância para o crime e um código civil de conduta rigorosa que se baseava na religião, moral, elitismo, industrialização e melhoramento.

direito de casar novamente e caso fizesse seria acusada de mancebia. A mulher considerada amancebada era tida como "sem moral" na sociedade e facilmente podia perder a guarda dos filhos.

A mãe sozinha estava, portanto, entre dois fogos: por um lado, pressões econômicas e políticas que impunham a necessidade de um marido. [...] Em tese, a lei não reconhecia o direito da mulher, mesmo em estado de abandono, viver com o novo companheiro (FONSECA, p. 525-526).

As mulheres viviam assombradas pela ameaça de se tornarem "decaídas", era preciso aceitar calada e sem reivindicações todos os absurdos e abusos nos quais eram submetidas. Fonseca (2015) diz que a receita para a mulher ideal, segundo o panorama moral da época, envolvia um misto de imagens entre a mãe piedosa da Igreja, a mãe-educadora do Estado positivista, a esposa companheira do aparato médico- higienista. Ao estudar a história das mulheres mães pobres aqui no Brasil, percebemos que certos estereótipos ainda se fazem presentes nos dias atuais. O ideal familiar fundamentado na visão patriarcal reduz o discurso legal sobre família, conforme explica Cláudia Fonseca (2015, p. 541): “No Brasil, o discurso legal sobre família é extremamente reducionista; nele só está presente o modelo de família patriarcal, monogâmico e nuclear, atravessando épocas e as mudanças sociais”.

Falar sobre maternidade no Brasil se faz necessário abordar também a interseccionalidade, que pauta as questões de classe-gênero que atravessam diretamente as questões maternas.

De pronto, a interseccionalidade sugere que raça traga subsídios de classe-gênero e esteja em um patamar de igualdade analítica. Ora, o androcentrismo da ciência moderna imputou às fêmeas o lugar social das mulheres, descritas como machos castrados, estereotipadas de fracas, mães compulsórias, assim como os pretos caracterizados de não humanos, macacos engaiolados pelo racismo epistêmico (AKOTIRENE, 2019, p..23).

Analisar a história das mulheres, mães e pobres no Brasil é perceber que fatores como gênero, raça e classe são determinantes para que as desigualdades aconteçam. O estudo da interseccionalidade, conceito criado pela estadunidense professora e cientista nas áreas de raça e gênero Kimberlé Williams Crenshaw, que se refere a interação entre dois ou mais fatores de subordinação que afetam o indivíduo de maneira conjunta gerando uma desigualdade. No caso da realidade das mães pobres que precisam trabalhar, a problemática não é presente para todas as mães, mas é algo estrutural que atinge apenas as mulheres pobres. A exemplo disso, temos as imigrantes europeias que mesmo sendo mulheres e pobres tinham mais facilidade em comercializar algo nas ruas

do que a mulher preta e pobre.

No cenário atual, as mulheres de classe alta podem abdicar dos trabalhos domésticos, terceirizando para outra mulher pobre, não raras vezes negra e com filhos. Dessa forma, ao trazer a problemática exposta é importante considerar outros fatores além do gênero para não invisibilizar vivências esquecidas dentro da maternidade.

Segundo Akotirene (2019) a interseccionalidade permite às feministas criticidade política a fim de compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça às opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem. Sendo assim, para ela, a "Interseccionalidade revela o que classe pode dizer de raça, da mesma forma que raça informa sobre classe. Raça é a maneira como a classe é vivida (AKOTIRENE, 2019, p.30)".

3. LEGISLAÇÃO E A MULHER TRABALHADORA NO BRASIL

Ao visualizar o passado da mulher trabalhadora no Brasil é notória a associação frequente entre a mulher no trabalho e a questão da moralidade social. Diversos setores sociais fomentavam o discurso que destacava a ameaça à honra feminina representada pelo mundo do trabalho. Um trecho do jornal operário *A razão*, escrito em 29 de julho de 1919 exemplifica os argumentos desse tipo de pensamento moralista da época:

O papel de uma mãe não consiste em abandonar seus filhos em casa e ir para a fábrica trabalhar, pois tal abandono original muitas vezes consequências lamentáveis, quando melhor seria que somente o homem procurasse produzir de forma a prover as necessidades do lar (PRIORE, 2015; p.584).

Margareth Rago (2015) no livro *História das mulheres no Brasil* explica que as trabalhadoras pobres eram consideradas profundamente ignorantes, irresponsáveis e incapazes, tidas como mais irracionais que as mulheres das camadas médias e altas, que desenvolviam carreiras ainda jovens como médicas, advogadas, biólogos, pintoras, pianistas. Nos anos 1920 e 1930 a figura da "mãe cívica" passa a ser exaltada como exemplo daquela que preparava física, intelectual e moralmente o futuro cidadão da pátria, contribuindo de forma decisiva para o engrandecimento da nação.

Membros do Apostolado Positivista do Brasil, que seguiam os ensinamentos de Augusto Comte (1881), entendiam que a mulher não deveria possuir dinheiro, um objeto considerado sujo, degradante e essencialmente masculino. Dessa forma, as relações entre homens e mulheres deveriam ser transformadas em todos os espaços de sociabilidade. Carecia de um mundo em que homens e mulheres desfrutassem de condições iguais, nas quais as mulheres pudessem ter novas oportunidades não só de trabalho, mas de participação na vida social.

Cada país possui uma legislação interna, a norma principal é a Constituição, também conhecida como Carta Magna. O texto estabelece a forma de Estado e de governo, as limitações e competência dos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, os relacionamentos com Estados estrangeiros e até sobre a vida íntima das pessoas, de maneira que determina as relações sociais, definindo a forma aceita de família, os direitos e deveres individuais e coletivos.

Nenhuma lei, código, decreto, portaria, ordem de serviço ou quaisquer outros tipos de legislação pode contrariar a Constituição sob pena de ser considerada nula, sem validade jurídica (RAMALHO, 2015). No Brasil já existiram oito

Constituições, sendo a primeira de 1824, data que marca dois anos de independência de Portugal. No texto dessa época, os direitos e deveres referiam-se aos "cidadãos brasileiros", na realidade falava sobre os homens ricos e brancos porque os escravos, os homens livres pobres e as mulheres eram excluídos de praticamente todos os atos da vida civil, como por exemplo votar.

A segunda Constituição, a de 1891, foi elaborada em clima republicano. O Brasil havia, em apenas um ano e meio, abolido a escravatura e a monarquia. Ampliando os direitos dos cidadãos, reconheceu o casamento civil como o único válido e determinou a sua gratuidade. Não admitiu privilégios de nascimento, desconheceu foros de nobreza e extinguiu ordens honoríficas e suas regalias. Inspirada nos princípios iluministas de igualdade, liberdade e fraternidade, a Constituição de 1891 afirmou que "todos eram iguais perante a lei", entretanto as mulheres não estavam incluídas nesse "todos" (RAMALHO, 2015, p. 261). O autor explica que só em 1934, 112 anos depois da Independência do Brasil é que foi elaborada uma Constituição que consagrou explicitamente o princípio da igualdade entre os sexos, proibindo diferença de salário para um mesmo trabalho por razão do sexo e o trabalho das mulheres em indústrias insalubres.

Em 1932 por Decreto nº 21.076, a mulher conquistará o direito de votar e ser votada. Finalmente, a luta que teve início em 1850 e tomou impulso em 1917 teve um final feliz, concretizando sonhos do movimento sufrágios. Porém, esse direito veio com reservas, que acabaram sendo incluídas no texto da Constituição de 1934. "Em 1937, no governo do presidente Getúlio Vargas, foi imposta uma Constituição autoritária que fechou o Congresso Nacional e extinguiu os partidos políticos (RAMALHO, 2015, p.262)."

Em termos de cidadania, algumas conquistas anteriores foram mantidas e outras foram acrescentadas, como garantias de assistência às famílias de prole numerosa, de educação integral para as crianças e de reconhecimento facilitado para os filhos naturais que por lei passaram a ter direitos iguais aos filhos legítimos. Para a mulher, manteve-se o direito ao voto e extinguiu as reservas do texto anterior.

Em 1946 uma nova Constituição foi promulgada e essa trouxe um retrocesso para as mulheres ao eliminar a expressão "sem distinção de sexo". Porque, conforme explica Ramalho (2015), retomou a antiga polêmica: "todos" inclui as mulheres? Apesar desse retrocesso, inovou ao estabelecer assistência à maternidade, à infância e à adolescência como obrigatória em todo o território nacional. "Ao acrescentar aos

motivos que proibiam diferença de salário para um mesmo trabalho, a idade, nacionalidade e o estado civil; ao tornar o não pagamento de pensão alimentar (*inadimplemento*) razão para a prisão civil do devedor (RAMALHO, 2015).”

A nossa penúltima Constituição foi a de 1967, fruto do governo militar, trouxe como único avanço para as mulheres a redução do prazo de aposentadoria de 35 para 30 anos de serviço. A última Constituição, que se encontra vigente até os dias de hoje, foi a de 1988, também conhecida como "A Constituição Cidadã", teve uma ampla participação da sociedade na sua elaboração: “O movimento de mulheres e feministas foi um dos grupos mais ativos e influenciou os constituintes com seu "*lobby do Batom*", conseguindo incluir na nova Carta Magna a grande maioria das suas reivindicações de então (RAMALHO, 2015, p.263).

Homens e mulheres foram incluídos no texto com igualdade de direitos. No que se refere aos direitos trabalhistas, o *lobby do Batom* não conseguiu incluir as trabalhadoras domésticas no rol das demais categorias de trabalho. No capítulo dedicado à família, os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal passaram a ser exercidos igualmente pelo homem e pela mulher. Foram também reconhecidos os vários tipos de famílias constituídas. Uma grande evolução na nova Constituição foi a inclusão do planejamento familiar em seu texto.

O texto é claro ao afirmar que é dever do Estado oferecer métodos educacionais e científicos a esse respeito, define o exercício do planejamento familiar como fruto de livre decisão do casal e proíbe qualquer forma de interferência por parte de instituições oficiais ou privadas com relação a esse assunto. O Princípio do Livre Planejamento Familiar encontra respaldo legal no artigo 226, §7º da Constituição Federal, que assim estabelece:

§ 7º Fundado nos princípios da dignidade da pessoa humana e da paternidade responsável, o planejamento familiar é livre decisão do casal, competindo ao Estado propiciar recursos educacionais e científicos para o exercício desse direito, vedada qualquer forma coercitiva por parte de instituições oficiais ou privadas. (BRASIL,1988)

Há, ainda, a previsão em lei ordinária, que regulamenta o direito fundamental estabelecido na Constituição Federal, a saber, o artigo 1.565, § 2º do Código Civil, que assim preleciona:

§ 2o O planejamento familiar é de livre decisão do casal, competindo ao Estado propiciar recursos educacionais e financeiros para o exercício desse direito, vedado qualquer tipo de coerção por parte de instituições privadas ou públicas (BRASIL, 1988)

O Referido princípio encontra-se regulamentado, ainda, na Lei nº 9.263/1996, que assegura a todo cidadão o planejamento familiar de maneira livre, não podendo nem o Estado, nem a sociedade ou quem quer que seja estabelecer limites ou condições para o seu exercício dentro do âmbito da autonomia privada do indivíduo.

Atualmente estamos numa época de conquistas inéditas para as brasileiras, de forma que parece distante a realidade remota dos acontecimentos históricos citados no início deste capítulo. Entretanto, ao considerar as garantias previstas pela atual legislação brasileira no que diz respeito às mães trabalhadoras pode transparecer a falsa sensação de que ainda estamos no mesmo patamar de igualdade que os homens no que se refere ao âmbito do trabalho no Brasil.

Segundo levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) as mulheres perderam mais postos de trabalho do que os homens em 2020, ano em que a pandemia de covid-19⁶ começou. Enquanto o número de homens ocupados assalariados caiu 0,9% em 2020, a queda entre as mulheres foi de 2,9%. Dos 825,3 mil postos de trabalho perdidos no período, 593,6 mil (ou 71,9%) eram ocupados por mulheres.

De acordo com os dados do Cadastro Central de Empresas (Cempre), utilizados pelo IBGE para o estudo, essa foi a 1ª vez desde 2009 que houve queda na participação feminina no mercado de trabalho. Foi de 44,8% em 2019 para 44,3% em 2020, o menor nível desde 2016. A pesquisa mostra que setores da economia que historicamente empregam mais homens cresceram, enquanto os que empregam mais mulheres encolheram. A construção civil, por exemplo, que é 90,6% composta por homens, teve um aumento de 4,3% no número de assalariados. Já a educação, que tem 66,9% dos seus postos preenchidos por mulheres, perdeu 1,6% do seu pessoal assalariado.

A pesquisa mostra que o número de Cadastros Nacionais de Pessoas Jurídicas (CNPJs) cresceu 3,7% em 2020 na comparação com 2019, chegando a 5,4 milhões. De acordo com o instituto, foi a 1ª vez que o país registrou queda de assalariados ao mesmo tempo em que teve aumento expressivo na quantidade de empresas. Uma justificativa possível é o fato de trabalhadores demitidos terem aberto empresas. Isso também explicaria o crescimento de negócios formais sem funcionários, que foi de 8,6% (ou mais 227,3 mil) em 2020.

⁶ No dia 11 de março de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS) elevou o estado de contaminação à pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2).

De acordo com informações da pesquisa *Licença-maternidade e suas consequências no mercado de trabalho do Brasil*, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), feita em 2016 com 247 mil mulheres, dois anos após terem dado à luz, metade delas estava fora do mercado de trabalho 12 meses após o nascimento do bebê. No Brasil, a licença-maternidade dura de 120 a 180 dias e a lei garante a estabilidade no emprego até cinco (05) meses depois do início do benefício. Baseado em dados do Ministério do Trabalho, o levantamento se refere apenas ao setor privado.

Em entrevista à Revista Marie Claire⁷ (2017), a pesquisadora supracitada explica que a chegada de um filho é um dos motivos que contribuem para esse índice de desemprego feminino. A presença de um filho pequeno na família é um grande responsável para a baixa participação das mulheres no mercado de trabalho. O percentual de mulheres empregadas entre 25 e 44 anos e com um filho de até um ano de idade cai para 41%. E somente 28% destas mulheres trabalham 35 horas ou mais por semana no Brasil: "Após o fim da licença, muitas mulheres não conseguem encontrar um atendimento que cuide do filho para que elas possam trabalhar - especialmente as mulheres com escolaridade mais baixa. No exterior, algumas empresas já oferecem trabalho em tempo parcial para mulheres com filhos pequenos", observa a pesquisadora, sugerindo a adoção de horários mais flexíveis no mercado de trabalho como alternativa para acolher trabalhadoras com filhos pequenos.

Conforme a Constituição de 1988 os deveres para com os filhos menores de 18 anos é responsabilidade igualmente compartilhada entre os pais. É dever do homem (pai) e da mulher (mãe), então, por que os índices de demissão pós licença-maternidade tem sido uma realidade frequente para as mulheres brasileiras?

O artigo sétimo da Constituição Federal de 1988 prevê assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até cinco anos de idade em creches e pré-escolas. Sendo que a educação infantil é até os três anos e a pré-escola até os cinco anos de idade, conforme a Lei Federal 9.394/96. Art. 7º São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social: XXV - assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até 5 (cinco) anos de idade em creches e pré-escolas; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

⁷ <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2017/09/50-das-mulheres-sao-demitidas-apos-licenca-maternidade.html>

Apesar de ser uma garantia prevista na Carta Magna do Brasil, a dificuldade para encontrar vagas nas creches públicas tem sido um dos motivos que leva as mulheres a pedirem demissão. Além da dificuldade para conseguir uma vaga numa creche pública, a idade mínima exigida pelas instituições é de 02 anos. Se a licença-maternidade dura 120 dias (4 meses) e as creches públicas só aceitam crianças a partir dos dois anos, onde as mães vão deixar os filhos nesse período de tempo?

O problema apresentado foi apresentado ao longo das entrevistas, que deram vida a série de reportagens *Quem pariu Mateus*, onde as mulheres convidadas que residem no município de Juazeiro/BA, localizado no Sertão baiano, afirmaram em consenso que as creches municipais só aceitavam matrículas de crianças a partir de 02 anos e que mesmo quando atingiram a idade exigida o número de vagas não supre as demandas da comunidade.

Segundo elas, apenas 10 a 12 crianças são matriculadas por turma. No caso dos que vão para a creche o ensino só é integral até os dois anos e a partir daí passa a ser meio período. E mesmo a turma que é integral, o horário de entrada é às 07:30h e a saída às 15:30h, o que não bate com o horário comercial para quem trabalha oito horas diárias. Se as públicas possuem esses entraves, busquei valores de creches particulares para analisar se o valor compensaria para quem é CLT e recebe salário mínimo (R\$1.212,00). Os valores variaram entre R\$ 550,00 a R\$800,00.

Analisando a história dos direitos trabalhistas das mulheres no Brasil, a advogada Amanda Campos pontua que as questões da maternidade ainda são consideradas um entrave na busca pela isonomia.

A busca pela isonomia desde o início encontra entraves na maternidade, que por condições de vida e de saúde, seja da trabalhadora, seja do seu filho, carece de condições especiais pelo período em que está gestante e lactante do bebê, sendo um desestímulo para os empregadores quando da sua contratação, sendo tal fato usado como justificativa pelos empregadores para darem preferência a contratação de homens, motivo pelo qual sempre houve dificuldade em oportunidades de conquista e permanência em postos de trabalho, além de sua remuneração, sempre inferior àquela auferida pelo homem em atividades semelhantes (CAMPOS, 2018, p.05).

Sendo assim, apesar de haver amparo legal as sobrecargas femininas em relação às responsabilidades familiares, e sobretudo a maternidade, constituem obstáculo para a integração e permanência da mulher no mercado de trabalho.

4. MATERNIDADE E EMPREENDEDORISMO

O termo “empreendedorismo” foi cunhado entre os séculos XVIII e XIX por pensadores liberais que defendiam a ideia de livre mercado como motor da economia. Apesar de ser amplamente utilizado, a sua definição ainda é pouco conhecida e etimologicamente, vem do francês *entrepreneur*, que se refere àquele que assume riscos e inicia alguma novidade (DORNELAS, 2016). De acordo com Pessoti (2022), o conceito de empreender utilizado pelos clássicos economistas como Cantlon (1755) que define empreendedorismo como a prática de gerir um negócio como auto empregado, que se ajusta ao risco quando o retorno é incerto, é o conceito mais pertinente quando o objeto de estudo são mães empreendedoras.

Ainda em Pessoti (2022), a autora vai dizer que o empreendedorismo carrega consigo um discurso implícito de que representa o caminho para o fim dos problemas do trabalhador assalariado. Porém, as mulheres encontram as tradicionais barreiras do patriarcado que questionam a sua habilidade e competência como gestora e seu lugar no ambiente público. Nana Soares (2019), uma das autoras do E-book “*Empreendedorismos femininos: Uma análise interseccional*” - resultado dos acúmulos de pesquisas realizadas pelo Instituto Rede Mulher - ao analisar os resultados de anos de pesquisa desde 2017, pôde perceber que as mulheres brasileiras, além de gerenciar o tempo delas entre trabalho e família, também possuem maior carga de afazeres domésticos. A autora explica que a dificuldade de lidar com todas as tarefas não é culpa de uma má organização ou alienação de uma única família ou pessoa:

“Quando ouvimos das mulheres em todas as edições da pesquisa que um atrativo do empreendedorismo é a maior flexibilidade de horário, estamos na verdade ouvindo a inflexibilidade de uma estrutura. Portanto, não há meios de reverter essa crise de maneira sustentável e a longo prazo- sem mudanças estruturais” (SOARES,2019, p.05).

Apesar da escassez de pesquisas acadêmicas sobre estudos maternos, termo que se refere a pesquisas que tem a maternidade e a sua influencia no âmbito social como objeto de estudo, os índices da Global Entrepreneurship Monitor (GEM) 2019, única pesquisa que coleta dados sobre empreendedorismo junto aos próprios empreendedores em 100 países, aponta que no Brasil, em 2019, praticamente não existiu diferença entre homens e mulheres no estágio de empreendedorismo inicial. Entretanto, no estágio estabelecido do negócio os homens foram mais ativos que as mulheres. No mesmo relatório a taxa de empreendedores estabelecidos do sexo masculino foi de 18,4%,

enquanto a do feminino foi de 13,9% com uma diferença de 4,5 pontos percentuais. Em termos absolutos, estima-se a existência de quase três milhões de homens a mais do que mulheres no empreendedorismo estabelecido, estágio em que o negócio já se consolidou no mercado e o faturamento é positivo.

Nana Soares (2021) explica que no decorrer de duas pesquisas realizadas pelo Instituto Rede Mulher Empreendedora em 2020, os impactos do trabalho não remunerado se intensificaram na pandemia, uma vez que estes, sendo essenciais para a manutenção da vida, não param. Nas palavras da pesquisadora:

Para as mulheres, está ainda mais difícil conciliar “trabalho” e família e dar conta de tarefas que aumentaram durante o isolamento a ponto de atrapalhar o negócio." Para ela sofrem especialmente as mulheres que têm filhos em idade escolar, pois as responsabilidades se concentram na figura materna (SOARES, 2021, p.15).

Apesar da menor permanência feminina na atividade empreendedora, deve-se destacar que, segundo o estudo desenvolvido em 2019 pelo Núcleo de Pesquisa em Gênero e Economia da Universidade Federal Fluminense⁸, a média do nível de escolaridade das mulheres na população é de um ano superior à média dos homens. Portanto, pelo menos na média, não são déficits de conhecimento formal que explicam essa defasagem. Apesar disso, cabe destacar também que, mesmo com taxas de empreendedorismo menores que as dos homens, a estimativa do número de mulheres empreendedoras no Brasil em 2019 foi de 25,8 milhões, muito próxima dos 28,7 e em 2020 durante a pandemia foi de 30 milhões.

De acordo com a Câmara da Mulher Empreendedora do município de Juazeiro/BA (2022), a maioria das mulheres que decidem empreender na região, buscam o empreendedorismo por necessidade diante das dificuldades de conciliar as tarefas de dentro e fora de casa. Neste cenário, os setores que geralmente as mulheres decidem empreender são: beleza e estética; vestuário; calçados; gastronômico e serviços domésticos. No caso, a recém empreendedora inicia com o conhecimento que já possui sobre algo que ela já sabe fazer. No caso da entrevistada Suzy dos Santos, sem ter com quem deixar os filhos pequenos e atrasos salarial decidiu começar a vender geladinho pelas principais ruas de Juazeiro/BA. Segundo ela, o investimento inicial foi de R\$ 100,00 e o aperfeiçoamento se deu na prática a partir de sugestões e ideias da própria clientela.

⁸ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-06/mulheres-aumentam-escolaridade-em-relacao-aos-homens-mostra-pesquisa>

4.1.- Micro Empreendedoras Individuais (MEI's)

A fim de legalizar o trabalho dos informais no Brasil, foi criada em 2008 uma lei que prevê a criação da categoria, conhecida hoje como Microempreendedor Individual (MEI). Segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), o MEI é uma figura criada pela Lei Complementar 128/2008 e atualizações, com o principal objetivo de retirar da informalidade milhões de empreendedores. O Microempreendedor Individual (também chamado de “EI” ou “MEI”) é um empresário com faturamento bruto de, no máximo, R\$ 81 mil ao ano. Além disso, o MEI pode ter um empregado contratado e deve atuar em uma das mais de 490 atividades permitidas para o segmento.

Considera-se MEI o empresário individual a que se refere o art. 966 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (adiante reproduzido) - Código Civil, que tenha auferido receita bruta até o limite estabelecido:

Art. 966. Considera-se empresário quem exerce profissionalmente atividade econômica organizada para a produção ou a circulação de bens ou de serviços. Parágrafo único. Não se considera empresário quem exerce profissão intelectual, de natureza científica, literária ou artística, ainda com o concurso de auxiliares ou colaboradores, salvo se o exercício da profissão constituir elemento de empresa. (SEBRAE,2022)

Ao se formalizar como Microempreendedor Individual, o empreendimento passa a ter um CNPJ, podendo, assim, emitir notas fiscais. Fora os benefícios relacionados ao empreendimento, o empresário, mediante pagamento mensal unificado ganha acesso à cobertura previdenciária. As vantagens de ser MEI segundo o Sebrae são: a facilidade na abertura de contas, limite de crédito para ajudar a impulsionar o negócio, além dos benefícios previdenciários como a licença maternidade.

Segundo o Instituto Rede Mulher Empreendedora (IRME) 2021, 72% das mulheres empreendedoras cadastradas como MEI consideram que os maiores desafios para os seus negócios são a venda dos produtos e serviços e o acesso a recursos financeiros e crédito. A pesquisa foi feita com quase três mil mulheres e 42% delas afirmaram que solicitaram crédito e tiveram seus pedidos negados.

Todas as entrevistadas na série de reportagens possuem CNPJ e são cadastradas como MEI e nenhuma delas, até a produção do podcast, havia conseguido limite de crédito para investir no próprio empreendimento. Segundo uma das participantes, Tâmara Castro, o único auxílio que conseguiu do governo foi através do próprio CPF e

o valor de R\$ 2 mil que ela utilizou para comprar equipamentos como notebook e impressora para iniciar a sua empresa.

4.2. Quem são as empreendedoras de Juazeiro/BA

O Sebrae Juazeiro é a unidade regional de 16 municípios vizinhos, como: Abaré, Campo Alegre de Lourdes, Canudos, Casa Nova, Chorrochó, Curaçá, Glória, Juazeiro, Macururé, Paulo Afonso, Pilão Arcado, Remanso, Rodelas, Sento Sé, Sobradinho e Uauá. Em 2019, no município de Juazeiro⁹, 58% dos empreendimentos eram cadastrados como MEI e para este público funciona a Sala do empreendedor, localizada em um prédio separado do Sebrae que é responsável pelas questões burocráticas deste público específico.

O cargo de gerência da Sala é indicação política e tem vigência de dois anos. Durante a pesquisa de campo mantive contato via *WhatsApp* com a atual gerente, mas não houve cooperação com o fornecimento de dados recentes e específicos do município em relação ao empreendedorismo feminino. Segundo informações disponíveis no banco de dados do Sebrae, mais de 45% dos micros empreendimentos em Juazeiro/Ba pertencem às mulheres, no total há mais de nove mil registrados na cidade.

Existe no município a Sala da Mulher Empresária que é vinculada ao Sindicato dos lojistas e possui como finalidade criar uma rede de apoio entre as mulheres que empreendem na região. Elas promovem eventos, feiras e encontros a fim de divulgar os seus produtos e serviços. Todo esse trabalho é gerenciado pela figura da presidente que exerce a função de maneira voluntária sem nenhum retorno financeiro. É uma rede de mulheres unidas, comprometidas com a causa do empreendedorismo, pois enxergam nele a saída para os seus problemas. Na fase de observação e sondagem pude notar que a grande maioria ou quase todas são mães e encontram umas nas outras motivações para continuar tentando.

⁹ <https://www.maismei.com.br/mei-microempreendedor-individual-juazeiro-ba>

5. APROXIMAÇÃO COM O PRODUTO *PODCAST*

No decorrer da minha formação e experiências de estágio pude perceber a minha afinidade de trabalhar com produção de pautas jornalísticas, sempre optei por pensar o resultado, o produto em si. Dessa forma, encontrei no formato *podcast* o encaixe perfeito para exercitar as minhas aptidões. No 6º e 7º período cheguei a produzir alguns *podcasts* como avaliação de disciplinas e entre eles produzi um em especial que se chama *Educonexões*, que tem um formato mesa redonda e foi gravado ao vivo com as convidadas. No final, ao ouvir o resultado satisfatório do bate papo, pude notar a desburocratização que esse tipo de produto exige.

Cheguei a fazer meu pré-projeto de TCC em cima do produto livro-reportagem, mas depois mudei de ideia ao constatar que as definições e conceitos de podcast se encaixam melhor para o tipo de reportagem e tema que eu planejava abordar. Dar voz às mulheres sobre um tema tão distante dos debates acadêmicos é, de certa forma, democratizar esse tipo de assunto e torná-lo pauta nas discussões em sala de aula. Além disso, o formato podcast ultrapassa os muros da universidade e tem uma proporção de alcance que pode chegar aos ouvidos de várias outras mãos que neste momento vivem os mesmos desafios que abordamos na série de reportagens.

Os conhecimentos jornalísticos foram fundamentais nas etapas de pré-produção, produção e pós-graduação. Junto com minha orientadora elaboramos a pauta de gravação e o roteiro de perguntas, decupamos juntas as sonoras e a partir daí produzimos o roteiro de edição. Foi organizado em três episódios e o tema vai se desenvolvendo de acordo com as experiências e histórias de vida de cada participante. Possui uma linguagem simples e direta, com o objetivo de fazer sentido a qualquer mulher que aperte o *play* e deseje ouvi-lo.

6. PRODUÇÃO DE PODCAST NO BRASIL

Em linhas gerais os podcasts são definidos como programas de áudio que tem como característica principal a sua distribuição através da Internet. Tal característica o diferencia da rádio tradicional e dos *audioblogs*¹⁰. A expressão “*podcasting*” vem da junção do prefixo “pod”, oriundo de *iPod* (nome do mais popular tocador de mídia digital, fabricado pela empresa norte americana Apple Computer), com o sufixo “casting”, vindo da expressão inglesa *broadcasting*, transmissão pública e massiva de informações que, quando feita através de ondas eletromagnéticas de rádio, também pode ser chamado de radiodifusão (FOSCHINI e TADDEI; 2006 *apud* LUIZ; 2010).

Luiz (2010) vai definir o *podcasting* como uma forma de transmitir um arquivo de áudio via internet para ser ouvido em um iPod ou outro aparelho que reproduza ou receba esse arquivo. Por isso, fica entendido que o *podcast* é tanto o arquivo transmitido via *podcasting* quanto o coletivo desses arquivos. Segundo Primo (2005, p. 05), “*podcasting* é um processo midiático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na internet”. Esse processo se dá a partir da relação entre o arquivo de áudio que compõe o *podcast* e um arquivo de texto que ajuda a divulgá-lo sempre que ele é lançado na internet.

O primeiro *podcast* produzido no Brasil foi o Digital Minds, de Danilo Medeiros, publicado em 21 de outubro de 2004. Ainda em Luiz (2010) o autor explica que o pioneiro no formato surgiu a partir do blog homônimo e do desejo do autor em se diferenciar dos blogs que existiam então.

Embora vários blogs brasileiros publicassem arquivos de áudio, não se caracterizavam como podcast pela impossibilidade de se assinar o programa via RSS. Algumas pessoas podem argumentar que é mais fácil baixar diretamente do site ou blog que disponibiliza o arquivo, que eles não veem a necessidade de utilizar agregadores ou algum outro motivo para preferir não baixar via Feed RSS, porém a falta dessa tecnologia compromete algumas das características e vantagens de um podcast (Luiz; 2010, p.04).

Fernandes (2017) vai dizer que o desenvolvimento e a modernização dos meios de comunicação, unidos à sua convergência para a internet, possibilitaram não apenas uma adaptação às novas mídias, como também representou várias oportunidades para inovações na forma de se comunicar e estabelecer laços com o público, devido ao leque de opções que um ambiente transmídia oferece. No Brasil, esse tipo de formato tem ganhado espaço diante de grupos que outrora foram ignorados ou subestimados pela

¹⁰ O conteúdo de um audioblog é como um blog escrito, porém neste caso o conteúdo é gravado no formato de áudio e geralmente possui um(a) locutor(a) que narra o conteúdo de maneira atrativa.

grande mídia de massa, apesar da grande maioria dos programas serem feitos a partir de iniciativas pessoais.

"Apesar disso, é inegável o grande volume de informação produzida pelos diversos podcasts existente, muitos dos quais dedicados a nichos que não encontram espaço na mídia tradicional. A forte interatividade com os ouvintes e a possibilidade sólida de um ouvinte se tornar um podcaster sem dificuldades subverte o conceito tradicional de receptor passivo das mídias de massa, ampliando o conceito de receptor ativo das mídias digitais para se tornar ao mesmo tempo potencialmente receptor e emissor (LUIZ, 2010, p. 06).

Associar a notícia como sociodiscursiva procede, principalmente, quando observamos como o advento de novas tecnologias são cruciais para o desenvolvimento de novas técnicas e formatos jornalísticos. Dessa forma, vemos que os podcasts despontaram como um meio de comunicação atraente. E como não é estanho ao jornalismo se adaptar a novas tecnologias, seria essa nova mídia uma forma de produzir conteúdos, informações com novos artifícios para atrair e cativar o seu público.

Notamos, assim, uma clara necessidade de uma análise aprofundada deste novo conteúdo jornalístico, tanto devido à sua potencialidade de alcance e criação de novos métodos, como por se tratar de um ramo ainda recente no cenário brasileiro, carecido de mais estudos voltados para a área. Em um ambiente de convergência tecnológica, tanto o público quanto os produtores de conteúdo se misturam e se unem para produzir e disseminar informações, criando métodos de divulgação originais e inéditos (FERNANDEZ, 2017, p.6).

Segundo pesquisa realizada pela Globo em parceria com o Ibope (2020), o *boom* do *podcast* no Brasil se deu a partir de 2018¹¹ e conseguiu maior audiência durante o período de isolamento da Covid-19, assim a nova ferramenta surge com potencial infinito de criatividade, com baixo custo, facilidade de criação e diversos caminhos para produção de conteúdos. O jornalismo tem adentrado no gênero e se reinventando para trazer informações de maneira diferente das grandes mídias afim de também conquistar esse público.

¹¹ <https://gente.globo.com/pesquisa-infografico-podcasts-e-a-crescente-presenca-entre-os-brasileiros/>

7. METODOLOGIA DE TRABALHO: FASES DA PRODUÇÃO

7.1. Pré-produção

A fase de pré-produção iniciou a partir do primeiro encontro de orientação, no qual delimitamos o tema, definimos algumas questões de pauta e os encaminhamentos que a série de reportagens traria. Discutimos algumas informações que eu já havia sondado e definimos os perfis das participantes. A fim de concretizar a pesquisa que deu origem a série de reportagens *Quem pariu Mateus*, o período de agosto de 2022 a outubro de 2022 foi usado para leituras bibliográficas de referências na temática. No decorrer desse tempo foi feito fichamento do material que posteriormente embasou o produto e o memorial.

Nesse mesmo período comecei a sondagem de futuras fontes e conheci Adla Fernandez, que atualmente está como presidente da Sala da Mulher Empresária em Juazeiro, um cargo voluntário que de maneira geral exerce a função de promover ações e eventos voltados ao empreendedorismo feminino na cidade. Esse grupo de empreendedoras atua como rede de apoio ao trabalho de cada uma. Um dos eventos organizados pela Sala foi o encontro das “Mães que empreendem”, projeto idealizado por Adlla. A princípio ela seria uma das participantes do podcast, mas um dos recortes e critérios desta pesquisa é dar voz às mães que são Micro Empreendedoras Individuais (MEI) e, no caso de Adla, o negócio dela está cadastrado como Pequena empresa, um patamar acima do MEI. Mas a sua contribuição foi fundamental para entender a dinâmica das empreendedoras no município de Juazeiro, visto que a Sala do MEI ligada ao Sebrae não cooperou com esta pesquisa. Inúmeras tentativas foram feitas, mas sempre o encontro era adiado ou remarcado e por fim o meu contato passou a ser ignorado pela gerente do setor.

Como já foi exposto no trabalho, há uma rede de apoio por parte das MEI local que se comunicam através de vários grupos de WhatsApp. Assim, fui apresentada ao grupo e expus os objetivos deste trabalho e coloquei a disposição delas o desejo de contribuir ou não dessa pesquisa. Imediatamente fui procurada por Tâmara Castro, uma das personagens dessa série de reportagens. As outras participantes não tiveram ligação com o grupo, apesar de conhecerem e participarem de alguns eventos. Sâmela Dianne é minha prima e acompanhei de perto as dificuldades que enfrentou quando sua filha nasceu e não tinha com quem deixar, por isso pediu demissão de um emprego que tinha

há quase 10 anos e decidiu empreender no ramo de naildesigner. A última personagem a ser definida foi Suzy, bastante conhecida pelos professores e estudantes do Campus III da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) por vender os *Irresistíveis geladinhos da Suzy* numa bicicleta rosa. Suzy por várias vezes estava acompanhada dos filhos pequenos enquanto trabalhava, e achei interessante trazer para esse trabalho a sua experiência como pequena empreendedora.

A ideia de trazer perfis de diferentes mulheres, mas com experiências de vida semelhantes, foi um dos pontos da pauta que eu e minha orientadora produzimos para essa série de reportagens. Tínhamos como objetivo mostrar as questões da interseccionalidade, tão real nas discursões sobre maternidade e empreendedorismo. Em linhas gerais as três personagens tem características em comum: são casadas, mães, cristãs e saíram do emprego por não terem rede de apoio para deixarem os filhos, e por isso viram no empreendedorismo a oportunidade de conciliar tantas demandas.

Considerando que essa pesquisa é de cunho qualitativo, é característico deste tipo de trabalho analisar o universo dos indivíduos envolvidos na investigação. Dessa forma, o pesquisador terá acesso a essas vivências, ou seja, o universo do entrevistado, por meio dos olhares e percepções dos pesquisados.

Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presume relevantes, para analisa-los. A pesquisa de campo propriamente dito, não deve ser confundida com uma simples coleta de dados (este último corresponde à segunda fase de qualquer pesquisa); é algo mais que isso, pois exige contar com controles adequados e com objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado (TRUJILLO, 1982 *apud* MARCONI e LAKATOS, 1990, p.75).

Sobre a abordagem qualitativa Arelda Godoy (1995) vai dizer que este tipo de pesquisa pode oferecer três diferentes possibilidades: Pesquisa documental, estudo de caso e etnografia. A autora explica que a proposta da pesquisa qualitativa não é rígida e estruturada, e que permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques.

Considerando as pesquisas realizadas com dados recentes sobre o setor empreendedor do país, adequa-se a análise documental como tipo de pesquisa. O estudo teve como base aos dados, relatórios, artigos e E-books produzidos pelo Instituto Rede Mulher (IRME), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresa (Sebrae) e a Glocal Entrepreneurship Monitor (GEM). As três instituições estão envolvidas na pesquisa e fomento do empreendedorismo no Brasil. Os dados levantados pelas

instituições citadas desenvolveram e-books e relatórios com análise de especialistas de universidades parceiras que estudam também a temática do empreendedorismo.

Com o objetivo de formular um roteiro de perguntas personalizado busquei traçar o perfil de cada participante, a partir das respostas de um questionário previamente enviado. As perguntas estimulavam a contarem um pouco da trajetória de cada uma e os desafios que enfrentaram e enfrentam como empreendedoras. Um dos pontos do encaminhamento da pauta dessa série de reportagens é mostrar que as questões que envolvem desigualdade de gênero e maternidade é estrutural, e por isso é refletido tanto no mercado de trabalho CLT como no empreendedorismo. Dessa forma, após as respostas do referido questionário pude elaborar o roteiro de perguntas de acordo com cada episódio do podcast. É importante destacar que nesse processo de pré-produção definimos a quantidade de episódios, temas, encaminhamento, títulos e sinopse.

Dessa forma, facilitou nas fases seguintes de gravação, decupagem e edição, técnicas apreendidas durante a minha formação enquanto jornalista. A reportagem é um produto jornalístico e, segundo Edvaldo Lima (2009), a prática da reportagem consolidou-se e caracterizou-se por sua forma de expressão por excelência, que é o jornalismo interpretativo. Ainda no autor supracitado, este tipo de jornalismo busca não deixar a audiência desprovida de compreensão expondo as causas e origens do fenômeno que presencia, e as suas consequências no futuro. Para Lima (2009, p. 26) o jornalismo interpretativo não se contenta com a relação simplista de causa e efeito. Assim ele elenca os pontos contemplados por esse tipo de fazer jornalismo, sendo eles:

O CONTEXTO DO FATO OU SITUAÇÃO: Considerado para que se tenha uma visão clara de toda rede de forças que determina o fenômeno e o faz ser como é;

OS ANTECEDENTES: Para resgatar no tempo as origens do problema, como cresceu e eclodiu no fato que se examina;

O SUPORTE ESPECIALIZADO: Através de enquete, pesquisas de opinião pública ou entrevistas para com fontes especializadas ou testemunhas afim de evitar informação oca;

A PROJEÇÃO: Visando inferir do presente e do passado os desdobramentos do caso, suas consequências possíveis e alcances futuro;

O PERFIL: É o lado da humanização da reportagem, já que o jornalismo se diferencia pela comunicação voltada para o homem, em uma última estância, como seu foco central e como tal visa emocionar, ao lado da elucidação racional para transmitir um retrato completo dos temas que aborda (LIMA, 2009,p. 26).

7.2. Perfis das personagens

Tâmara Castro - 40 anos, natural de Juazeiro, casada e mãe de uma filha de três (03) anos que se chama Lunna. Formada na área de Segurança do Trabalho, após a maternidade ativou o MEI e criou a empresa Tâmara Castro Consultoria. Atualmente presta serviço como MEI na Secretaria de Saúde de Petrolina e também trabalha na divulgação do trabalho de outras empreendedoras. Tem um grupo no *WhatsApp* #apoieumaempreendedora, no qual divulga negócios locais. Possui um programa na rádio web “Nas ondas do saber- Tâmara Castro Convida”, e faz parte da Câmara da Mulher Empresária de Juazeiro.

Sâmela Dianne - Casada, 32 anos, mãe de uma filha que se chama Helena, e possui 5 anos. Natural é residente em Juazeiro (BA) e cursa o 2º período do curso de Ciências Contábeis. Teve a ideia de empreender quando retornou da licença maternidade e não teve quem cuidasse da filha para ela trabalhar. Na época, trabalhava numa loja de decoração no shopping da cidade há quase 10 anos.

Sem ter como conciliar as demandas da maternidade com o trabalho formal CLT, fez curso de manicure e passou a atender a domicílio, onde também encontrou dificuldades em deixar a filha. Ao receber o valor do tempo que trabalhou na loja, decidiu investir em mercadorias para o ramo de vestuário feminino e está nessa área há mais de dois anos. Recentemente criou o seu cadastro como Micro Empreendedora Individual e ativou o seu CNPJ, mas nunca conseguiu amparo ou empréstimo do governo para o fomento do seu negócio.

Segundo ela é muita burocracia para conseguir esses tipos de incentivo financeiro. Com investimento próprio, pois também revende cosmético como Natura e o Boticário, decidiu voltar área de *nails*¹², que são os cuidados com as unhas. Fez curso para aprender a fazer unhas de fibra de vidro. A principal renda da casa é a do esposo que é mecânico. O lucro que consegue com o seu pequeno empreendimento é relativo e instável.

Suzaneide Souza (Suzy) - 38 anos, casada há 19 anos, tem dois filhos de 15 e 10 anos. Natural do interior de Curaçá/BA, mas reside em Juazeiro. Possui ensino médio completo e decidiu empreender quando o filho nasceu e não tinha quem cuidasse da criança para ela trabalhar, na época trabalhava de carteira assinada. Sem rede de apoio

¹² Trata-se de uma área de atuação que foca em fazer “arte” nas unhas, proporcionando diferentes acabamentos para a clientela.

na cidade em que reside, decidiu investir inicialmente R\$ 100,00 no seu novo negócio, a venda de geladinhos das frutas.

Inicialmente usava uma bicicleta, colocava o isopor e saía pelas ruas de Juazeiro oferecendo a merenda. Segundo ela, muitas vezes precisou levar um dos filhos por não ter com quem deixar. Há cinco (05) anos no ramo ela afirma que a escolha foi certa, pois através do seu trabalho conquistou moto e casa própria. A sua renda é necessária para manter o bem estar da família.

7.3. Produção: roteiro de gravação e entrevistas

A fase de produção da série de reportagens *Quem pariu Mateus* teve início no mês de outubro com todas as entrevistas previamente agendadas e com o roteiro de gravação pronto, a partir da análise dos perfis produzidos de acordo com o questionário respondido pelas participantes. Todas as entrevistas aconteceram na minha residência, por ser mais cômodo para ambas as partes, visto que moramos em bairros próximos.

É de grande valia destacar o empenho e boa vontade por parte das três personagens que cooperaram desde o início com o processo de produção desse produto. Por ser mãe e ter aproximação direta com o tema, em alguns momentos contei com a compreensão feminina das entrevistadas, como por exemplo, a presença do meu filho de 2 anos no momento de duas gravações.

Todas as sonoras e off's dessa série de reportagens foram gravadas com gravador profissional Sony icd 240 com microfone estéreo que elimina a necessidade de um microfone. O modelo possui ativador de voz recurso USB com capacidade máxima de gravação de 1.043 horas e 4GB de armazenamento. Vale salientar que o recurso foi disponibilizado pelo DCH III UNEB e esteve a minha total disposição durante todo esse processo.

Por já ter tido contato previamente com todas e ter conseguido conhecer um pouco do jeito de cada uma, e também ter passado pra elas como seria a dinâmica das gravações, optei pelo tipo entrevista semiestruturada, que apesar de ter um roteiro de gravação para nortear as sonoras, não se detém totalmente a ele. Para Triviños (1987, p.146) a entrevista do tipo semiestruturada, tem como característica, a presença de questionamentos básicos amparados por teorias e hipóteses que se relacionam com o

tema da pesquisa. De acordo com Manzini (1991), a entrevista semiestruturada foca num assunto sobre qual se baseia o roteiro com perguntas principais, que podem ser perfeitamente complementadas por outras questões que venham a surgir no decorrer da entrevista.

Como a série de reportagens é dividida em três episódios com subtemas ligados a temática central do podcast. A organização seguiu a seguinte estrutura:

EPISÓDIO 01- A MULHER MÃE

Neste episódio é feita uma introdução da problemática da pesquisa e apresentação das entrevistadas. A narrativa contextualiza as falas das participantes sobre o cenário do empreendedorismo feminino no Brasil e no município de Juazeiro/BA. O objetivo deste episódio é contar como essas mulheres chegaram à decisão de empreender e quais eram as circunstâncias dessa decisão.

EPISÓDIO 02- POR QUE EMPREENDER?

Após apresentação das personagens e introdução do contexto do assunto, neste episódio trazemos a discussão sobre quais fatores levam as mulheres a decisão de sair do mercado de trabalho CLT para empreender. Nesse contexto abordamos qual a realidade da mulher empreendedora no município de Juazeiro/BA, como funciona o registro do Micro Empreendedor Individual no município e quais direitos que essa categoria possui. O objetivo deste episódio é saber das participantes como funciona a questão dos empréstimos e amparos para o fomento do empreendedorismo feminino no município.

EPISÓDIO 03- MATERNIDADE E O MERCADO DE TRABALHO

Neste último episódio, após as mulheres já terem contado um pouco das suas histórias e as problemáticas da pesquisa serem apresentadas, traremos a questão estrutural do mercado de trabalho brasileiro que não condiz com a realidade das mães pobres brasileiras.

Aqui trazemos questões sobre: licença maternidade e paternidade, demissão pós retorno licença maternidade, creche, etc (amparos que a mãe precisa para retornar ao mercado após a licença maternidade).

Essa organização foi facilitadora pra fase seguinte de decupagem e edição do material.

7.4. Pós-produção: decupagem e roteiro de edição

Após as gravações das entrevistas, mesmo com roteiro, houve a necessidade de um roteiro específico de edição que se alinhasse com os off, trilha sonora, etc. Como as entrevistas foram gravadas de acordo com o episódio, facilitou no processo de decupagem e produção do roteiro de edição. A decupagem foi feita por mim e em seguida encaminhada para a minha orientadora, que fez algumas sugestões e eu acatei.

Com o material decupado e roteiro finalizado foi encaminhado a jornalista Beatriz Oliveira, contratada para editar todo o material. A escolha de optar por terceirizar esse serviço de edição partiu da necessidade de otimizar tempo, visto que tivemos um período de três meses para realizar todas as etapas desse TCC. Por ser uma colega de faculdade (da mesma turma), de trabalho, amiga da minha confiança e conhecer a excelência do trabalho optei em comum acordo com a minha orientadora em contratar esse tipo de serviço. O programa de edição utilizado foi o Adobe Audition. Acompanhei de perto junto a Beatriz as etapas de edição.

Toda trilha sonora é de artistas mulheres, que usam sua arte para pautar na sociedade a temática da maternidade. A triha sonora do início dos dois primeiros episódios se chama “Mama respect” (2018/Marina Peralta) de autoria de Marina Peralta que tem como característica nas suas letras de reggae e rap ressaltar o empoderamento feminino. A triha do terceiro e último episódio é da falecida artista Dina Dee, considerada a primeira rap mulher brasileira a fazer sucesso na categoria. A música se chama “Meu filho minhas regras” (Dina Dee) e é baseada na história de vida da artista que viveu períodos conturbados após o nascimento do primeiro filho.

Enquanto o podcast era editado me dediquei ao processo de redigir o memorial, visto que o fichamento das referências bibliográficas sugeridas por minha orientadora já estava pronto. Essa foi a etapa mais desafiadora pra mim, pois mesmo tendo adiantado no que pude, aconteceram situações que dificultaram a minha escrita. No início do mês de novembro a cidade de Juazeiro/BA foi acometida por fortes chuvas que alegaram a rua que eu morava e precisei mudar urgentemente de casa. Depois disso meu filho contraiu um vírus e precisou ir dois dias para a emergência, eu acabei contraindo também a virose e escrevi boa parte desse memorial de cama mesmo. Apesar das dificuldades sempre buscava manter a constância, tendo que conciliar as demandas de casa, filho e estudos.

Produzi os cards de capa do *Podcast* considerando elementos que remetesse a temática central da série de reportagens e o título da obra. Dessa forma, utilizei conceitos da teoria da Gestalt que aprendi durante a disciplina de Planejamento visual. As cores utilizadas compõem a paleta dos tons rose e que respeitam o elemento de “unidade” da Gestalt que considera a importância da coloração como elemento da composição que pode ser destacada ou mesclada com outras cores desde que respeite a harmonia e o princípio de unidade. Utilizar tons diferentes da mesma paleta de cor considera também o princípio de “semelhança” que tem a capacidade de reproduzir uma percepção amigável para o cérebro, que tende a agrupar informações parecidas para entendê-las mais rápido.

No centro do card há a silhueta de uma mulher que segura o seu filho em referência ao título do produto. Essa imagem aparece na cor preta e considera o princípio de “segregação” que tem como objetivo destacar certo elemento no design, neste caso a figura materna com o filho que é o tema central da pesquisa.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A série de reportagens *Quem pariu Mateus* teve como objetivo dar voz as mães empreendedoras do município de Juazeiro/BA, que enfrentam todos os dias os desafios sociais e estruturais que limita a mulher após tornar-se mãe. A produção contemplou a proposta de trazer recortes da realidade que muitas mães pobres e trabalhadoras precisam lidar desde o período de pós licença maternidade, sendo essa pesquisa fruto da minha formação enquanto mulher, mãe e em breve jornalista. Trazer essa temática para o meu Trabalho de Conclusão de Curso é abrir caminho para futuras pesquisas que venham ser desenvolvidas a partir desta e que traz para o espaço acadêmico discussões sobre essa problemática que permeia a nossa sociedade.

Apesar de termos conquistados direitos, os problemas estruturais relacionados a maternidade ainda é um assombro social que se encontra presente nas classes pobres deste país. Digo pobres porque desde o início da nossa história as mulheres tiveram que dar conta de múltiplas jornadas de trabalho sem a valorização e o reconhecimento social almejado.

“*Quem pariu Mateus*” é resultado de uma produção feita totalmente por mulheres mães que lidam todos os dias com os desafios que só quem é mãe reconhece. Particularmente, a trajetória tensa do TCC pôde ser amena por ter ao meu lado mulheres tão especiais e queridas que acreditaram no meu projeto e toparam compartilhar um pouco das suas histórias e experiências.

Compreendi no decorrer de toda a pesquisa que a falta de amparo e rede de apoio previstos na Constituição de 1988 são elementos que determinam diretamente no índice de demissão feminina após a licença maternidade. Apesar de ser um amparo previsto em lei é encargo dos municípios o controle de matrículas nas creches públicas. Sendo assim os critérios variam de acordo com a gestão eleitoreira do período. Tal constatação pode ser notada nos relatos das entrevistadas na série de reportagens que vivenciaram na pele os desafios em torno desta desigual realidade.

De acordo com a pesquisa realizada é importante destacar que as mulheres enxergam no empreendedorismo uma tábua de salvação para as suas múltiplas demandas, mas não há amparo ou fomento masivo do governo aos pequenos empreendimentos das mães de família no município de Juazeiro/BA. Apesar do aumento no número de CNPJs ativos na cidade, o empreender ainda é visto para elas como uma necessidade e não como vocação.

Considerando os resultados do presente trabalho e a importância do jornalismo como quarto poder na esfera social, considero a influência positiva que essa pesquisa pode trazer para os setores públicos a fim de pensarem soluções cabíveis para as necessidades das mães trabalhadoras. Para além do cenário macro da situação, é possível pensar na relevância pessoal que cada mulher que ouvir possa se sentir contemplada e compreendida.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial Ltda, 2019.
- BRAGA, Adriana et al. **Maternidade nas mídias**. Santa Maria,RS: FACOS-UFSM,2021.
- BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: Tradução: Sérgio Milliet. **Rio de Janeiro: Nova Fronteira**, 2009.
- CAVALCANTE, Josilâne Santos. Empreendedorismo feminino: um estudo sobre o perfil das mulheres empreendedoras informais no município de Solânea-PB. 2018.
- COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra. Redes sociais e os estudos de recepção na internet. **Matrizes**, v. 4, n. 2, p. 75-92, 2011.
- FERNANDES, Laís Cerqueira; MUSSE, Crhistina Ferraz. Podcasts e a Cultura Digital: Estratégias Para Contar Histórias em uma Narrativa Convergente. In: **CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE (Intercom Sudeste)**. 2017.
- FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. **História das mulheres no Brasil**, v. 10, p. 510-553, 1997.
- GONÇALVES, Renata. Dicionário Crítico do feminismo-de Helena Hirata; Françoise Laborie; Hélène Le Doaré; Danièle Senotier (orgs.). **Lutas Sociais**, n. 23, p. 181-183, 2009.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, p. 20-29, 1995.
- GUERRA, Elaine Linhares de Assis: “**Manual de pesquisa qualitativa**”. Grupo ânima educação, 2014.
- GRECO,Simara Maria de Souza Silveira. **Global Entrepreneurship Monitor Empreendedorismo no Brasil**. Curitiba:IBPQ,2020.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. Barueri: Manole, 2009.
- LOPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Reis. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução: Ana Cristina Nasser. 2008
- MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisa e elaboração, análise e interpretação de dados**. Atlas. São Paulo, 1990.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, p. 126-147, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil**. Editora Contexto, 2012.

PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**; Carla Bassanezi Pinsky (coord. de textos). 2015.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. **Intexto: revista do mestrado da comunicação UFRGS**. Vol. 2, n. 12 (jul./dez. 2005), p. 1-23, 2005.

VÁZQUEZ, Georgiane. Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural. **Revista Trilhas da História**, v. 3, n. 6, p. 167-181, 2014.

VIEIRA, Regina Stela Corrêa. “Você vai parar pra ter filho?”: licença-maternidade, licença-paternidade e a desigualdade de gênero no trabalho.
<https://institutorme.org.br/> Acessado em 20/09/2022

https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/estudos_pesquisas/conheca-melhor-o-ambiente-das-micro-e-pequenas-empresasdestaque19,d6a2f925817b3410VgnVCM2000003c74010aRCRD
Acessado em: 02/11/2022

<https://www.roeseladvogados.com.br/a-historia-da-mulher-no-direito-do-trabalho/>
Acessado em: 05/11/2022

APÊNDICE A- TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E SOM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E SOM

Eu, _____, portador(a) do CPF _____, AUTORIZO a utilizar a minha imagem, em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e voz, capturados para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do(a) estudante Ananda Soraya Brandão Ferreira, do curso JORNALISMO EM MULTIMEIOS da Universidade do Estado da Bahia, campus III, Juazeiro, orientado pela professor (a) Dalila Santos. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, bem como na exibição em congressos, exposições, prêmios acadêmicos e outros similares.

Por meio desta autorização ora concedida, autorizo ainda a realizar nas imagens e sons captados, cortes, reduções e edições. Esta autorização não gera e não gerará no futuro e também não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações trabalhistas, securitárias, previdenciária, indenizatória, ou mesmo empregatícia, entre o(a) cedente e a Universidade.

Juazeiro, 23 de Outubro de 2022

Assinatura do Cedente

APÊNDICE B- ROTEIRO DE GRAVAÇÃO

EPISÓDIO 01

- 1- Nome/ filho/ idade/ ha quanto tempo empreende/ ramo que empreende e o que te levou a deixar o mercado de trabalho e empreender//
- 2- Como foi pra voce o retorno ao trabalho apos a licenca maternidade?
- 3- Que tipo de dificuldades encontrou que te levou a decisao de sair?
- 4- O seu salario era renda principal da familia ou auxiliar?
- 5- Explica o que voce viu no empreendedorismo que te fez enxergar como uma solucao para os seus problemas?
- 6- Quando comecou a empreender quais foram os desafios que encontrou?
- 7- Seu marido trabalha fora? Como fica a organizacao das demandas de casa? E quando saia pra vender quem cuidava do seu filho?
- 8- Conta pra mim como é a sua rotina desde quando acorda ate a hora de dormir
- 9- Quando decidiu sair do trabalho para empreender recebeu apoio?
- 10- E hoje quais sao os desafios que voce encontrou tanto no empreendedorismo quanto no mercado de trabalho?

EPISÓDIO 02

- 11- Por que escolheu tal ramo para empreender?
- 12- Quais sao os desafios que voce enfrenta hoje como mae empreendedora aqui em Juazeiro/BA?
- 13- Em relacao a conciliar multiplas funções com o empreendedorismo você acha que trabalha mais do que quando era CLT?
- 14- Quando voce era CLT as funcoes de casa eram divididas com seu marido?
- 15- O valor pago no mei faz falta no seu orçamento? Com a criação do cnpj conseguiu amparos/ cursos ou qualquer impulso para o seu negocio?
- 16- Diante da sua realidade/ valeu a pena deixar o mercado de trabalho para empreender?
- 17- O que voce diria para uma jovem mae que nao tem com quem deixar o filho de 4 meses e precisa trabalhar?

18- Você acha que se as leis trabalhistas considerassem de fato a realidade da maioria das mulheres que retornam da licença maternidade/ e proporcionassem creche e auxílio alimentação/ por exemplo, seria melhor ser CLT?

EPISODIO 03

19- Na época que você trabalhava o seu patrão sabia das suas dificuldades sobre com quem deixar seu filho? E como ele reagiu quando você pediu demissão?

20- Você chegou a tentar a creche pública?

21- Na época recebia algum auxílio do governo tipo bolsa família, auxílio Brasil?

22- O valor de uma creche particular compensava trabalhar?

23- Como foi empreender com um filho pequeno?

24- Você acredita que as mulheres possuem as mesmas oportunidades que os homens, mesmo considerando esse dilema que milhares de mães enfrentam?

25- O que você aprendeu diante da sua trajetória como mãe empreendedora?

26- Qual a maior transformação que a maternidade te fez?

27- Para você o que seria ideal que o poder público fizesse para a situação das mães que precisam trabalhar?

28- O que mudou na sua vida depois que virou mãe?

APÊNDICE C- ROTEIRO DE EDIÇÃO

EPISODIO 01

MARINA PERALTI (00:00-00:40)

MUSICA DE ABERTURA- MAMA RESPECT (00:34-1:43)

INTRODUÇÃO:

OFF1:NO BRASIL HÁ QUASE 7 MILHÕES DE MULHERES EMPREENDORAS DISTRIBUIDAS ENTRE OS DIVERSOS ESTADOS // NA BAHIA/ A CATEGORIA REPRESENTA PRATICAMENTE 7% DA PARCELA NACIONAL DE MULHERES QUE DECIDIRAM ABRIR SEU PROPRIO NEGOCIO//

NO MUNICIPIO DE JUAZEIRO/ LOCALIZADO NO SERTAO BAIANO/ DO TOTAL DE 9.107 EMPREENDEDORES ATIVOS NA CIDADE/ UM POUCO MAIS DE 45% DOS EMPREENDIMENTOS PERTECEM AS MULHERES//A PRESENÇA FEMININA CADA VEZ MAIS MASSIVA NESTE CENÁRIO/ É O PONTAPÉ INICIAL DESTA SÉRIE DE REPORTAGENS//

OFF2: OLÁ/ EU ME CHAMO ANANDA BRANDÃO/ ESTA É UMA SÉRIE DE REPORTAGENS NO FORMATO PODCAST SOBRE A TEMÁTICA MATERNIDADE E EMPREENDEDORISMO NO MUNICIPIO DE JUAZEIRO DA BAHIA// TAMBEM É RESULTADO DA MINHA PESQUISA DE CONCLUSÃO DE CURSO EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA// NOS EPISÓDIOS SEGUINTE SERAO APRESENTADAS HISTÓRIAS DE MULHERES QUE AO TORNAREM-SE MÃES TIVERAM QUE LIDAR COM OS DESAFIOS INERENTES A MATERNIDADE E AS MULTIPLAS JORNADAS DE TRABALHO// SE INTERESSOU? ENTAO CONTINUA AQUI COMIGO//

OFF 3: O TERMO TRABALHO FEMININO É MARCADO PELA POLISSEMIA QUE CONFUNDE COM AS FUNÇÕES DOMÉSTICAS/ OS CUIDADOS COM A FAMÍLIA E A CASA//

NO LIVRO HISTORIA DAS MULHERES NO BRASIL/ AS AUTORAS EXPLICAM QUE O TRABALHO CHEGOU A SER QUESTIONADO COMO ELEMENTO IMPEDITIVO DAS DITAS FUNÇÕES NATURAIS DAS MULHERES/ AS DE MÃE E ESPOSA//

SOBRE ESSE TEMA/ DISCUTIREMOS NESSE EPISÓDIO ACERCA DAS MÚLTIPLAS FUNÇÕES LIGADAS À FIGURA FEMININA QUE APÓS A MATERNIDADE ENXERGAM NO EMPREENDEDORISMO A SAÍDA PARA CONCILIAR TEMPO COM A FAMÍLIA E TRABALHO/ MESMO QUE NESTES CASOS A REMUNERAÇÃO E O RECONHECIMENTO DIMINUAM//

APRESENTAÇÃO SUZY- (00: 46- 02:43)

DI: “Eu me chamo Suzaneide...”

DF: “Eu vou empreender pra mim mesmo...”

APRESENTAÇÃO SAMELA01 (00: 58-2:03/ 03:31-04:02/ 04:13-04:43)

DI: “Meu nome é Sâmelâ Daiane..”

DF: “Estaria ao meu lado me apoiando sempre”

APRESENTAÇÃO TÂMARA01 (00:27-01:44/)

DI: “Ola! Eu me chamo Tâmarâ Castro..”

DF: “Vocês sabem que o empreendedorismo é muito solitário”

OFF 4: AS MULHERES DECIDEM EMPREENDER DIANTE DO CENÁRIO INCERTO DA POS LICENÇA MATERNIDADE PRECISAM LIDAR COM OS DESAFIOS DO NOVO EMPREENDIMENTO/ LIGADOS PRINCIPALMENTE A QUESTÃO FINANCEIRA E AS DEMANDAS DE CASA/ FILHO E FAMÍLIA/

SUZY: (02:54-05:18)

DI: “Pedi pra sair dos dois trabalhos...”

DF: “Se você não tiver garra você não consegue”

OFF 05: O INSTITUTO REDE MULHER EMPREENDEDORA APONTA QUE EM 2021 CERCA DE 61% DAS EMPREENDEDORAS NO BRASIL ERAM CASADAS E 79% ACREDITAM QUE O TRABALHO DOMÉSTICO ATRAPALHA O DESEMPENHO DO EMPREENDIMENTO SE COMPARADO AOS HOMENS QUE TAMAMBÉM EMPREENDEM//

TAMARA01 (04:43-05:14/ 05:33-05:55)

DI: “Mesmo que você se vire nos trinta...”

DF: “Principalmente quando a criança é pequena...”

SUZY (06:53-07:29/ 17:43-18:00)

DI: “De um jeito ou de outro...”

DF: “Pagar uma pessoa pra você trabalhar...”

SAMELA 01 (04:53-05:26/06:36-07:10)

DI: “É mais fácil quando você mesmo...”

DF: “Essa é a parte que é diferente do CLT”

TAMARA 02 (12:13- 13:08)

DI: “Como eu já trabalho com mulheres...”

DF: “A maioria é por necessidade”

OFF 06: NESTE EPISÓDIO CONHECEMOS COMO AS TRÊS PARTICIPANTES CHEGARAM AO EMPREENDEDORISMO E QUAIS FORAM AS CIRCUNSTÂNCIAS DESTA DECISÃO// NO PRÓXIMO EPISÓDIO DISCUTIREMOS SOBRE OS DESAFIOS DO EMPREENDEDORISMO E COMO FUNCIONA O REGISTRO DOS MICRO EMPREENDEDORES NO BRASIL// ESPERO VOCÊ/ ATÉ MAIS!

FICHA TÉCNICA

EPISODIO 02

OFF 01: NO EPISÓDIO ANTERIOR/ DISCUTIMOS SOBRE A SOBRECARGA FEMININA DIANTE DAS MÚLTIPLAS FUNÇÕES ATRIBUÍDAS AS MULHERES// APÓS A LICENÇA MATERNIDADE MUITAS DECIDEM PELO EMPREENDEDORISMO COMO SAÍDA PARA CONCILIAR OS CUIDADOS COM OS FILHOS E NECESSIDADE FINANCEIRA//

BG TRANSIÇÃO

OFF 02: DURANTE O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DO BRASIL QUE TAMBEM MARCA O FIM DA ESCRAVIDÃO NO PAÍS/ A PRESENÇA FEMININA NO UNIVERSO DO TRABALHO NAS CIDADES E NO CAMPO SE TORNOU CADA VEZ MAIOR//

NO ENTANTO/ NAO SIGNIFICA QUE AS MULHERES SO COMEÇARAM A TRABALHAR SOMENTE A PARTIR DESTA ÉPOCA// A PRATICA DE VENDER ALGUMA COISA OU PRESTAR SERVICO SEMPRE FOI UMA REALIDADE NA HISTÓRIA DAS MULHERES BRASILEIRAS//

OFF 03: MUITAS TRABALHAVAM COMO LAVADEIRAS/ PASSADEIRAS/ NA VENDA DE FRUTAS E VERDURAS E ATE MESMO QUITUTES/ COMO ACONTECEU COM AS BAIANAS DO ACARAJE// O FATO É/ MULHERES SEMPRE PRECISARAM AUXILIAR OU MANTER AS DESPESAS DA FAMÍLIA//

TRANSIÇÃO

OFF 04: NESTE EPISÓDIO DISCUTIREMOS SOBRE A REALIDADE DA MULHER EMPREENDEDORA CONSIDERANDO A LEGALIZACAO DA CLASSE AUTONOMA QUE AGORA É CONHECIDA COMO MEI (MICRO EMPREENDEDOR INDIVIDUAL)

MUSICA DE ABERTURA- MAMA RESPECT (1:29-2:00)

SAMELA 02 (00:18-00:59/ 01:08-01:47/ 03:26-04:03)

DI: “Eu escolhi o ramo de Naildeigner...”

DF: “Mas não é dessa forma”

SU ZY (20:36-21:20/21:40-22:29)

DI:”Eu sou microempreendedora individual...”

DF: “De pouquinho mesmo...”

TAMARA 02 (00:37-01:31/01:40-02:23)

DI: “Meu pai é da área de pedreiro...”

DF: “Ter uma sala de treinamentos”

OFF 05: SEGUNDO O SEBRAE/ SERVICO BRASILEIRO DE APOIO AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS/ O MEI É CONSIDERADO UM PROFISSIONAL

AUTONOMO FORMALIZADO QUE POSSUI CADASTRO COMO PESSOA JURÍDICA//

NO PORTAL DO EMPREENDEDOR/ DISPONIVEL NO SITE DO SEBRAE/ AS VANTAGENS DE SE TER UM CNPJ É A FACILIDADE DE CONSEGUIR EMPRÉSTIMOS/ ABERTURA DE CONTA E EMISSÃO DE NOTA FISCAL// PARA SER MEI É NECESSARIO QUE O FATURAMENTO DO EMPREENDIMENTO SEJA DE ATÉ 6.750 REAIS POR MÊS// O MICROEMPREENDEDOR PAGA UMA TAXA MENSAL ENTRE 61,60 E 66,60 A DEPENDER DO TIPO DE COMÉRCIO/ QUE LHE ASSEGURA ALGUNS BENEFÍCIOS PREVIDENCIÁRIOS//

SUZY(19:59-20:35)

DI: “Toda vez que eu vou lá é uma dificuldade...”

DF: “É melhor você ir juntando do que contar”

TAMARA02(03:43-04:10)

DI: “Foi pelo CPF que é um programa...”

DF: “Utilizo mais com o meu trabalho”

SAMELA 02 (03:26-04:03/04:10-04:32)

DI: “Não consegui nenhum empréstimo...”

DF: “Investisse no meu negócio”

OFF 06: DADOS RECENTES DA GEM/ PESQUISA QUE REUNE EQUIPE DE PESQUISADORES NA ÁREA DO EMPREENDEDORISMO EM MAIS DE 100 PAÍSES/ APONTA QUE NO CENÁRIO BRASILEIRO EM RELAÇÃO AO EMPREENDEDORISMO FEMININO/ NO ESTÁGIO INICIAL DO EMPREENDIMENTO PRATICAMENTE NÃO HÁ DIFERENÇA ENTRE O NÚMERO DE HOMENS E MULHERES//

MAS QUE NO ESTÁGIO ESTABELECIDO/ AQUELE EM QUE O NEGÓCIO DECOLOU E FATURA BEM/ AS MULHERES FICAM ATRÁS// SEGUNDO OS PRÓPRIOS PESQUISADORES/ ESTE TEM SIDO O RETRATO CONSTANTE NO BRASIL AO LONGO DOS ANOS// DIANTE DAS CIRCUNSTÂNCIAS QUE LEVAM AS MULHERES A LARGAR O TRABALHO E EMPREENDER APÓS A MATERNIDADE/ E OS DESAFIOS QUE ENFRENTAM PARA CONCILIAR AS MÚLTIPLAS FUNÇÕES/ E AS DIFICULDADES COMO EMPREENDEDORA// PERGUNTEI AS TRÊS ENTREVISTADAS SE VALEU A PENA DECISÃO DE EMPREENDER//

SUZY(09:44-10:33/10:44-11:17)

DI: “Ah minha filha com muito orgulho...”

DF: “Sou feliz”

SAMELA 02 (4:44-4:56/5:16-5:34)

DI: “O que cada pessoa faz...”

DF: “Em relação ao trabalho”

TAMARA02 (02:56-3:34/4:18-4:51)

DI: “Tem o mesmo compromisso...”

DF: “Trabalhando de carteira assinada”

OFF 07: MESMO COM O CENÁRIO DESIGUAL NO EMPREENDEDORISMO FEMININO/ NO BRASIL/ O NUMERO DE MULHERES EMPREENDORAS CHEGOU A QUASE 26 MILHÕES EM 2019// SENDO ASSIM/ APESAR DOS DESAFIOS AS MULHERES AINDA ENXERGAM NO EMPREENDEDORISMO A UNICA SAIDA PARA LIDAR COM SUAS MULTIPLAS FUNÇÕES//

SERIAM ENTAO AS LEIS TRABALHISTAS DESIGUAIS E INCOMPATÍVEIS COM A REALIDADE DA MULHER TRABALHADORA QUE É MÃE AQUI NO BRASIL? DISCUTIREMOS SOBRE ISSO NO PRÓXIMO EPISÓDIO// ESPERO VOCÊ!

FICHA TÉCNICA

EPISÓDIO 03-

MUSICA DE ABERTURA- MAMA RESPECT (1:29-2:00)

OFF 01: NO EPISÓDIO ANTERIOR/ VIMOS QUAL É A REALIDADE DA MULHER MÃE EMPREENDEDORA AQUI NO BRASIL/ E AS DIFICULDADES QUE ENCONTRA PARA MANTER O SEU EMPREENDIMENTO// NESTE EPISÓDIO ABORDAREMOS AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO E SE SERIA ESSA A REAL RAZAO QUE LEVE TANTAS MULHERES A SE VEREM OBRIGADAS A LARGAREM SEUS EMPREGOS E EMPREENDER//

BG TRANSIÇÃO

OFF 02: SEGUNDO PESQUISA REALIZADA PELA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/ MAIS DA METADE DAS MULHERES BRASILEIRAS PERDEM SEUS EMPREGOS APÓS A GRAVIDEZ// O ESTUDO TAMBÉM MOSTROU QUE AS TRABALHADORAS QUE TIRAM LICENÇA- MATERNIDADE SÃO DEMITIDAS EM ATÉ 24 MESES APÓS O NASCIMENTO DAS CRIANÇAS//

EM CONTRAPARTIDA/ O CRESCIMENTO DO EMPREENDEDORISMO FEMININO REPRESENTOU UMA ALTA DE 40% DURANTE A PANDEMIA// CERCA DE 30 MILHÕES DE MULHERES ESTAVAM EMPREENDENDO DURANTE ESSE PERÍODO//

SÂMELA02: 6:42-7:31

DI: “Eu tive até que pagar pra colega...”

DF: “pra ficar com minha filha”

TAMARA02- (06:30-07:21)

DI: “Não consegui uma vaga numa creche...”

DF: “Ter mais humildade, delegar...”

SUZY- (14:34-15:38)

DI: “Muitos locais pra você ir...”

DF: “Mas é dificultoso”

OFF 03: A PESQUISA CITADA NO INICIO DESSE EPISÓDIO/ APONTOU TAMBEM QUE A PRESENÇA DE UM FILHO PEQUENO NA FAMÍLIA É UM GRANDE RESPONSÁVEL PARA A BAIXA PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO//

O PERCENTUAL DE MULHERES EMPREGADAS ENTRE 25 E 44 ANOS E COM UM FILHO COM IDADE DE ATÉ 01 ANO/ CAI 41%// COMO FOI O CASO DAS TRES PARTICIPANTES//

SAMELA02 (07:38-07:51/ 07:59-08:12/09:49-10:23)

DI: “Mesmo em relação a essa...”

DF: “Mudou muito o meu pensamento”

SUZY(16:31-17:40)

DI: “Uma creche que tenha...”

DF: “Essa questão de nós mães”

OFF 04:O ARTIGO 229 DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL PREVÊ O DEVER DOS PAIS EM ASSISTIR/ CRIAR E EDUCAR OS FILHOS MENORES DE IDADE// SE ESSE DEVER PERTENCE AOS PAIS POR QUE ESSA É A CAUSA DO AFASTAMENTO FEMININO DO MERCADO DE TRABALHO?// É DEVER DO ESTADO GARANTIR IGUALMENTE PARA OS HOMENS E MULHERES O DIREITO AO TRABALHO// DE MODO QUE O EXERCÍCIO DO TRABALHO SEJA COMPATÍVEL ENTRE O DIREITO DE TER UMA FAMÍLIA E DE PROVER O SUSTENTO//

SUZY: 18:17-18:24/18:42-19:17

DI: “Alguns direitos hoje nos tamo conquistando...”

DF: “É uma batalha desafiadora”

TAMARA02: 08:28-10:48

DI: “Não é que a mulher queira ser...”

DF: “As mulheres sejam representadas”

TRANSIÇÃO

OFF 05:SIMONE DE BEAUVOIR DIZ NO SEU CELEBRE LIVRO/ O SEGUNDO SEXO/ QUE A MESMA CAUSA QUE ASSEGURA À MULHER A FICAR DENTRO DE CASA/ CONFINADA NOS TRABALHOS DOMÉSTICOS/ É A MESMA CAUSA QUE ASSEGURA A PREPONDERÂNCIA DO HOMEM// A MULHER REFLETE UMA SITUAÇÃO QUE DEPENDE DA ESTRUTURA ECONOMICA DA SOCIEDADE// ESTRUTURA ESSA QUE TRADUZ O GRAU DE EVOLUÇÃO TÉCNICA A QUE A HUMANIDADE ESTA INSERIDA//

OFF 06: DESSA FORMA/ DE ACORDO COM A MINHA PESQUISA E OS RELATOS APRESENTADOS NO DECORRER DOS EPISÓDIOS/ PERCEBEMOS QUE OS PROBLEMAS RELACIONADOS A MATERNIDADE E O MERCADO DE TRABALHO FEMININO SÃO DE ORDEM ESTRUTURAL E INICIAM DESDE AS FALHAS NA LEGISLAÇÃO TRABALHISTA ATÉ O JULGAMENTO DA SOCIEDADE QUE COLOCA NA FIGURA MATERNA O DEVER UNICO E EXCLUSIVO DE CUIDAR DOS PRÓPRIOS FILHOS//

COM O FILHO PEQUENO PRA CRIAR/ SEM TER COM QUEM DEIXAR A CRIANÇA/ SEM CRECHES E AMPAROS ASSISTENCIAIS/ COMO A MULHER VOLTA A TRABALHAR? É AÍ QUE SURGE O EMPREENDEDORISMO/ COMO UMA SAIDA DIANTE DESSE PROBLEMA SOCIAL// AFINAL DE CONTAS/ O SENSO COMUM ESBRAVEJA “QUEM PARIU MATEUS QUE O BALANCE”/ E ELAS BALANÇAM! ELAS VÃO LA E EMPREENDEM//

FICHA TÉCNICA

MUSICA DINA DI- MEU FILHO MINHAS REGRAS (09:48-10:23)

Técnica Episódios

Roteiro: Ananda Brandão

Edição de áudio: Beatriz Oliveira

Identidade Visual: Ananda Brandão

Orientação: Prof^ª Dr^ª Dalila....

Músicas:

“Mama respect”. Composição e interpretação: Marina Peralti.

“Meu filho minhas regras”. Composição e interpretação: Dina Dee

APÊNDICE D- CARD GRÁFICO DO PODCAST



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
por Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

F383q

Ferreira, Ananda Soraya Brandão

Quem pariu Mateus: desafios das mães que empreendem no município de Juazeiro/BA / Ananda Soraya Brandão Ferreira. Juazeiro-BA, 2022.
52 fls.: il.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Dalila Carla dos Santos.

Inclui Referências

TCC (Graduação – Comunicação Social – Jornalismo em Mídias) –
Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.
Campus III. 2022.

1. Maternidade – Aspectos sociais. 2. Empreendedorismo – Mulher. 3. Gênero.
I. Santos, Dalila Carla dos. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento
de Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 306.8743